

# Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas

Sara Marques Barros

Dissertação de Mestrado em Medicina Legal

2014



# Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas

Sara Marques Barros

Dissertação de Mestrado em Medicina Legal

2014

Sara Marques Barros

Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e  
comportamentos suicidas

Dissertação de Candidatura ao grau de  
Mestre em Medicina Legal submetida  
ao Instituto de Ciências Biomédicas de  
Abel Salazar da Universidade do Porto.

Orientador – Sónia Caridade

Categoria – Professora Doutora

Afiliação – Universidade Fernando  
Pessoa

*Aos meus pais e ao meu irmão*

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o  
que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”*

*(Arthur Schopenhauer)*

## Agradecimentos

O pequeno espaço que tenho, seguramente não me permite agradecer, como queria e devia, a todas as pessoas que acompanharam este meu percurso. Estas pessoas ajudaram-me direta ou indiretamente a cumprir todos os meus objectivos e a concluir mais uma etapa na minha formação académica.

Desta forma, deixo algumas palavras, poucas, mas com muito significado àqueles que me acompanharam nesta longa caminhada.

À Professora Doutora Sónia Caridade, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e apoio incondicional que estimularam o meu desejo de querer aprender mais e a vontade constante de querer fazer melhor. Obrigada por todo o encorajamento nos momentos menos bons e por toda a paixão e sabedoria que demonstra pelo tema.

À Professora Doutora Maria José Pinto da Costa, agradeço a oportunidade e o privilégio que tive em frequentar este Mestrado que muito contribuiu para o enriquecimento da minha formação académica e científica.

Aos meus pais, um enorme obrigado por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço. Espero sinceramente que o final desta etapa, de alguma forma, retribua e compense todo o carinho, apoio e dedicação que, constantemente me ofereceram.

Ao meu irmão do mundo, o meu mais sincero agradecimento por estar sempre do meu lado nos momentos menos bons e que sempre transmitiu confiança e força para que nunca desistisse. Para mim, és e serás sempre o meu maior orgulho e espero que com mais uma nova etapa concluída na minha vida seja o teu maior orgulho também.

À Sara Beça, um agradecimento especial por toda amizade e por todo o

caminho que traçamos juntas há cinco anos. Obrigado também por todos os momentos de divertimento, partilha de desabafos ao telemóvel e ao mesmo tempo de apoio que me proporcionaste.

À Sofia Caetano, pela preocupação e carinho demonstrados durante o meu percurso académico e por todos os momentos de boa disposição.

À Ana Couto, pelos momentos de boa disposição, de longas conversas, das nossas saídas e pela amizade sincera que nos une há anos.

À Rita Coimbra, por todas as vezes que me motivou e me apoiou para agarrar esta investigação com a maior força do Mundo e por todos os momentos de descontração proporcionados.

A Deus por me ter dado forças quando eu pensava que elas não existiam para poder continuar esta longa caminhada.

À Pintas e à Pintas Júnior por todos os momentos de brincadeira e alegria.

A toda a minha família e amigos que de um modo especial estiveram sempre do meu lado.

E a todos aqueles que nesta importante fase da minha vida tropeçaram no meu trilho!



## Resumo

A violência nas relações de namoro e o suicídio têm sido identificados como problemas sociais que interferem com o normal desenvolvimento de muitos jovens. Pese embora o conhecimento que dispomos actualmente acerca da prevalência do fenómeno da violência nas relações íntimas juvenis, são escassos ou mesmo inexistentes, estudos portugueses que procurem analisar a associação entre este tipo de abuso íntimo e o suicídio em jovens. O presente estudo procura assim colmatar, em parte, esta lacuna da investigação ao analisar a relação entre a violência ocorrida nas relações íntimas juvenis e a ocorrência de ideação e comportamentos suicidas. Para tal recorreu-se a dois questionários de autorrelato, a Escala Tática de Conflitos (CTS-2) para avaliar a prevalência de diferentes tipos de abuso íntimo e o Inventário de Ideação e Comportamentos Suicidas, os quais foram disponibilizados numa plataforma *online* – *Google Docs*. A amostra do estudo é constituída por 262 jovens (24.8% do sexo masculino; 75.2% do sexo feminino), cuja média de idades é de 23.7 (D.P. = 4.14), que admitiram estar envolvidos numa relação de namoro no último ano e terem mais de 16 anos de idade. Os resultados revelaram que em termos de perpetração (51.1%) e vitimação (45.4%), o abuso psicológico assume maior preponderância sobre todos os outros tipos de abuso, seguindo-se a coerção sexual, tanto na perpetração (22.5%) como na vitimação (24.4%), o abuso físico sem sequelas (17.9% perpetração e 16% vitimação) e por fim o abuso físico com sequelas (3.4% perpetração e 3.4% vitimação). As únicas diferenças de sexo encontradas situam-se ao nível da coerção sexual, em que os rapazes assumem recorrer maioritariamente a este tipo de abuso (45.8%), mas também se identificam como sendo as principais vítimas (32.3%). As análises de associação revelam, em termos

gerais, que ofensores e vítimas apresentam pensamentos e/ou comportamentos suicidas. Quando se considera o sexo dos participantes, detetamos mais associações estatisticamente significativas entre a ideação e/ou comportamentos suicidas pelo sexo feminino e a perpetração e vitimação de diferentes tipos de abuso. Os resultados encontrados neste estudo confirmam assim a necessidade de se continuar a desenvolver esforços de identificação e prevenção da violência íntima juvenil, procurando-se igualmente e de forma específica implementar estratégias de prevenção do suicídio junto desta população.

**Palavras-chave:** Relações de Namoro Juvenis; Abuso Íntimo; Comportamentos Suicidas; Ideação Suicida.

## Abstract

Violence in dating relationships and suicide have been identified as social problems that affect the normal development of young people. Despite the current knowledge about the violence in youth intimate relationships, are scarce or even nonexistent, portuguese studies that relate the relationship between intimate abuse and suicide in young people. This study seeks to address, partly, this research gap. To this end, there were recourse to two self-report questionnaires, the Conflict Tactics Scales (CTS-2) to evaluate the prevalence of different types of intimate abuse and the inventory of suicidal ideation and behavior which were made available on a web platform – Google Docs. The study samples consisted in 262 youths (24.8% male; 75.2% female), whose the average age is 23.7 (S.D.= 4.14) who admitted being involved in a dating relationship in the past year and having more than 16 years old. The results revealed that in terms of perpetration (51.1%) and victimization (45.4%), the psychological abuse takes higher precedence over all other types of abuse, followed by sexual coercion (22.5% of perpetration and 24.4% of victimization), physical abuse without sequelae (17.9% of perpetration and 16.0% of victimization) and finally physical abuse with sequelae (3.4% of perpetration and 3.4% of victimization). The main differences between the sexes are related to sexual coercion. Boys admit use mainly these types of abuse (45.8%), but at the same time they are identify as the main victims (32.3%). The association analyzes show that, in general terms, that abusers and victims have thoughts and/or suicidal behaviours. When it is considered the sex of participants, it is possible to detect more associations between ideation and/or suicidal behavior by females and the perpetration and victimization of different types of abuse. The results of this study shows the need to make efforts in the prevention of

intimate abuse, and at the same time the necessity to implement strategies for prevention of suicide in population.

**Keywords:** Youth dating relationships; Intimate Abuse; Suicidal behaviors; Suicidal Ideation.

# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	
1. As relações de namoro na adolescência.....	3
2. Violência no namoro	
2.1. Enquadramento concetual e legal da violência no namoro.....	5
2.2. Estudos de prevalência: internacionais e nacionais.....	7
2.3. Factores de risco sobre violência no namoro.....	19
2.4. Impacto e consequências da violência no namoro.....	25
2.4.1. Violência no namoro e ideação e comportamentos suicidas.....	29
Capítulo II – Componente empírica	
1. Objetivos geral e específicos.....	35
2. Método.....	35
2.1. Amostra.....	36
2.2. Instrumentos.....	38
2.3. Procedimentos.....	41
2.4. Análise de dados.....	42
3. Resultados	
3.1. Prevalência do abuso físico, psicológico e sexual e sexo dos participantes.....	42
3.2. Prevalência da ideação e comportamentos suicidas e sexo dos participantes.....	45
3.3. Abuso íntimo e ideação e comportamentos suicidas.....	47
4. Discussão dos Resultados.....	51

5. Conclusões.....	56
6. Referências.....	59

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Sexo dos participantes (n=262).....	36
Tabela 2. Idade dos participantes (n=262).....	37
Tabela 3. Habilidades literárias dos participantes (n=262).....	38
Tabela 4. Prevalência do abuso psicológico, físico (com e sem sequelas), e sexual (n=262).....	43
Tabela 5. Associação do abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com e sem sequelas, e coerção sexual), com o sexo dos participantes (teste do Qui-quadrado).....	45
Tabela 6. Prevalência da ideação e comportamentos suicidas (EICS) (n=262).....	46
Tabela 7. Associação da ideação e comportamentos suicida (EICS) o sexo dos participantes (teste do Qui-quadrado).....	46
Tabela 8. Associação do abuso íntimo, ideação e comportamentos suicidas (EICS) e sexo dos participantes (Qui-Quadrado).....	50

## Índice de Anexos

Anexo 1. Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2).....	74
Anexo 2. Escala de Ideação e Comportamentos Suicidas.....	79



## Índice de Siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CTS2 – Revised Conflict Tatic Scale

ECCV – Escala de Crenças da Criança sobre a Violência

IVC-2 – Inventário de Violência Conjugal

MP – Ministério Público

SANI – Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

VC – Violência Conjugal

VD – Violência Doméstica

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

## Introdução

O fenómeno da violência nas relações de namoro não é uma problemática recente (Caridade, 2011). O estudo da violência íntima em concreto iniciou-se com o estudo da violência conjugal e dos maus-tratos a menores (Lewis & Fremouw, 2001), desvalorizando-se outros possíveis contextos de ocorrência da violência, como o caso da violência nas relações juvenis de intimidade (Caridade, 2011). A investigação científica realizada nesta área assumiu maior destaque na década de 60, sendo que em território nacional a violência nas relações íntimas juvenis assume maior visibilidade a partir da década de 90 (Caridade, 2011).

Atualmente o estudo da violência nas relações de namoro juvenis encontram-se amplamente disseminadas, contudo o investimento científico nesta área tem-se cingido apenas à caracterização da extensão do fenómeno e da identificação dos fatores preditores do fenómeno, deixando de parte estudos que abordem esta temática numa vertente mais fenomenológica (Caridade, 2011). Neste sentido, uma das áreas que ainda não foi explorada em Portugal foi a ideação e os comportamentos suicidas associados à violência nas relações íntimas juvenis. A nível internacional, existem vários estudos neste âmbito (e.g., Bossarte, Simon, & Swahn, 2008; Buttar, Clements-Nolle, Haas & Rees, 2013; Roberts, Klein & Fisher, 2003), havendo mesmo já um estudo intercultural sobre esta matéria conduzido pela equipa de investigação dirigida por Murray Straus, uma autor de referência no estudo deste fenómeno (Chan, Straus, Brownridge, Tiwari & Leung, 2008). De uma forma geral, a grande maioria dos estudos vem confirmar que a ideação e os comportamentos suicidas estão positivamente associados à experiência de violência nas relações íntimas juvenis. Segundo Borges e Werlang (2006),

evidenciam que a fase da adolescência é muito intensa em termos de conflitos e mudanças o que pode levar o adolescente a recorrer a comportamentos agressivos numa tentativa de solucionar os seus problemas.

Em território nacional, e pese embora comecemos a assistir a um franco desenvolvimento e progresso da investigação sobre a violência nos relacionamentos íntimos juvenis, não se conhecem ainda estudos que procurem explorar a relação entre a ocorrência de violência nas relações de namoro e a ideação e os comportamentos suicidas. O presente estudo pretende assim dar um contributo útil na investigação neste âmbito ao explorar a relação entre violência no namoro e ideação e comportamentos suicidas, com vista a auxiliar as políticas de prevenção e intervenção neste domínio.

Esta dissertação está organizada dois capítulos distintos: um referente ao enquadramento teórico da temática em estudo e outro ao estudo empírico. No primeiro capítulo será feita uma breve reflexão sobre as relações de namoro na adolescência e só depois avançamos para a violência no namoro começando pelo enquadramento concetual e legal do fenómeno, dando a conhecer também alguns dos estudos de prevalência, quer nacionais quer internacionais, os fatores de risco sobre a violência no namoro, o impacto e as consequências provenientes da temática em estudo e por fim abordamos as questões da ideação e dos comportamentos suicidas associados à violência nas relações íntimas juvenis. No segundo capítulo será feita uma descrição do estudo, expondo os objetivos, o método (amostra, instrumentos, procedimentos e análise de dados), os resultados obtidos e a discussão dos mesmos. Terminámos este capítulo tecendo algumas notas conclusivas acerca das potencialidades e limites do presente estudo, procurando ainda extrair pistas para a investigação futura neste domínio.

## Capítulo I – Enquadramento teórico

### **1. As relações de namoro na adolescência**

A adolescência constitui, segundo White (2009), uma fase em que os jovens procuram obter a sua independência em relação aos seus pais e em que se verifica um deslocar das ligações para o grupo de pares. Esta necessidade de estabelecer novas relações fora do contexto familiar parece estar sobretudo associada ao aumento da importância da sexualidade e da formação da sua identidade. E ainda segundo este autor, constitui também um período em que se estabelecem as primeiras relações amorosas e se verifica um maior investimento nas experiências relacionais, assistindo-se ainda a um desenvolvimento de certos valores e as crenças que permitem ao adolescente criar novas relações com indivíduos de ambos os sexos (White, 2009).

A adolescência é, pois, um período que impõe constantes desafios para o indivíduo, tratando-se por isto mesmo de uma fase desenvolvimental propícia para o envolvimento em comportamentos de risco, ainda que possa constituir também um período de exploração e experimentação (Saavedra, 2010).

O período de namoro caracteriza-se por se estabelecer uma relação entre duas pessoas em que há partilha emocional, romântica e/ou sexual que ultrapassa o campo da amizade, sem que se verifique contudo uma formalização do vínculo (Murray & Kardatzke, 2007).

A adolescência tem início na puberdade, com o aparecimento de algumas alterações biológicas que anunciam a maturação, e prolonga-se até à idade adulta, onde se espera uma identidade já estabelecida (Sampaio, 1991). Trata-se de uma fase crítica em relação às mudanças e aos conflitos de papéis,

constituindo igualmente um período de grandes transições e mudanças importantes para o desenvolvimento dos jovens e em que os adolescentes apostam nas relações fora do contexto familiar com objetivo de encontrar a sua autonomia e afirmarem a sua identidade e personalidade (Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006). Na adolescência, o jovem procura obter respostas na sociedade estabelecendo relações, procurando obter experiências sociais e sexuais e envolver-se em esforços educativos e de trabalho, no sentido de perceber o que é aceitável para o seu consciente e para os seus ideias (Laufer, 2000).

É na adolescência que os jovens começam a desenvolver um pensamento mais elaborado conseguindo deste modo distinguir as suas opiniões das opiniões dos que os rodeiam; já são capazes de se questionarem sobre si próprios e sobre os outros (Bradley, 2003). É nesta fase também que os jovens escondem as experiências dos pais, nomeadamente, a primeira relação sexual, o primeiro beijo, o primeiro cigarro ou a primeira experiência com drogas, no entanto em situações de aflição o jovem tende a dar inconscientemente sinais aos adultos (Rodrigues & Machado, 2002).

Alguns autores salientam que na adolescência são mais evidentes as diferenças entre os papéis de género, sendo nesta fase aceitável por parte dos jovens a violência como um ato de amor ou um comportamento “admissível” em certos casos. Em alguns casos, ainda é frequente associar o amor ao sofrimento, associação esta de extrema preocupação (Black & Weiz, 2003). Por isto mesmo, o estudo da prevalência da violência no namoro durante a adolescência tem sido alvo de vários estudos, que apresentaremos mais à frente.

## **2. Violência no namoro**

### **2.1. Enquadramento concetual e legal da violência no namoro**

Segundo a APAV (2011), a violência no namoro consiste num

“ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que outra pessoa envolvida na relação”.

Não obstante, o conceito de violência no namoro tende a diferir de autor para autor, o que se traduz numa disparidade de dados em termos de prevalência. Apesar do número de investigações realizadas nesta área ser considerável, Caridade e Machado (2013) defendem que há um menor investimento em abordagens teóricas explicativas da violência no namoro.

Durante muito tempo, a violência na intimidade em geral era legitimada pelos povos e só recentemente assistimos a um proliferar da consciencialização social e científica para a dimensão e impacto do fenómeno. Primeiramente, a comunidade científica dedicou-se ao estudo da violência exercida no contexto marital apercebendo-se posteriormente que existiam outras dimensões de violência e outros contextos relacionais, como é o caso da violência no namoro (Caridade, 2011) que estavam a descoberto e que justificavam uma maior investimento científico. O fenómeno da violência na intimidade juvenil era desconhecido, não por não existir, mas sim por vergonha de admitir e também por considerarem os comportamentos abusivos como uma manifestação de amor e/ou ciúmes. Efetivamente, vários trabalhos produzidos (e.g., Barroso, 2007; Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006) neste âmbito têm vindo a demonstrar que os jovens, perante situações de violência nas relações amorosas tendem para uma certa legitimação deste

tipo de abuso.

Só a partir da década de 60 é que este fenómeno da violência, começa a tomar novos rumos e é encarado como um problema social específico, apesar desta prática ser transversal a todas as épocas (Caridade & Machado, 2006). De acordo com O'Keefe (2005), a violência no namoro surgiu como um problema de saúde pública e social.

Para Manita, Ribeiro e Peixoto (2009), a noção de violência nas relações de intimidade (VRI) adquiriu novas proporções no sentido de alargar os conceitos de Violência Doméstica (VD) e de Violência Conjugal (VC), de modo a abranger a violência existente entre parceiros envolvidos em diferentes tipos de relacionamentos íntimos que não a conjugalidade (e.g., violência entre namorados, violência entre casais homossexuais).

Nos dias de hoje, a violência no namoro é um conceito cada vez mais compreendido e enraizado na sociedade. Esta temática tem sido reconhecida como um problema social que abrange jovens de diferentes níveis formativos, socioeconómicos e raciais e tem atingido patamares muito preocupantes e alarmantes (Caridade, 2013). A evidência empírica qualifica a violência nas relações de intimidade como um fenómeno à escala mundial e transversal a todos os tipos de relacionamentos amorosos (Caridade, 2013; Lehrer, Leher, & Zhao, 2010). A violência no namoro ocorre em contexto íntimo ou romântico podendo expressar-se numa relação entre adolescentes ou entre jovens adultos. Este tipo de violência pode começar durante a adolescência e pode estender-se até à idade adulta (Teten, Ball, Valle, Noonan, & Rosenbluth, 2009).

O código penal português contempla o crime de violência no namoro, que se integra no quadro legal da violência doméstica, no artigo 152º, número 1, alínea b) conforme se pode verificar: "Quem, de modo reiterado ou não,

infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação. "

A violência no namoro ao integrar o tipo legal violência doméstica constitui um crime público, sendo que nestes casos o procedimento criminal instaura-se, desenvolve-se e conclui-se com a intervenção autónoma do titular público da ação penal (Dias, 2004). Nos crimes públicos, logo que o Ministério Público (MP) tenha conhecimento da ocorrência, este procede ao início do inquérito, dando início à investigação dos factos. Deste modo, sendo o crime de violência doméstica de natureza pública, a vítima mesmo que queira desistir do procedimento criminal, legalmente o MP é obrigado a dar seguimento ao inquérito (Manita *et al.*, 2009).

## **2.2. Estudos de prevalência: internacionais e nacionais**

Os estudos realizados na área da violência na intimidade juvenil tendem a focalizar a atenção apenas na violência física. Deste modo, o interesse empírico pela agressão psicológica é escasso e por esta razão o fenómeno da violência no namoro apresenta um viés na investigação (Jackson, 1999). Mais recentemente têm sido desenvolvidos estudos mais centrados na agressão psicológica na intimidade juvenil concluindo-se que este tipo de agressão é um precursor do abuso físico (Hydén, 1995). De igual modo e apesar da agressão de carácter sexual ser frequentemente marginalizada nos discursos sociais e educativos, trata-se de um tipo de agressão que tem recebido



atenção por parte da comunidade científica, comprovando-se a sua ocorrência nas relações de namoro (Caridade, 2011).

A violência no namoro comporta três grandes tipos de violência: física, psicológica e sexual. A APAV (2011), acrescenta a estes três tipos de violência a violência verbal e a violência social.

A violência física implica o uso de força física como por exemplo empurrar; agarrar ou prender; atirar objetos; dar bofetadas, pontapés e/ou murros e ameaçar usar a força física ou agressão de forma a magoar e marcar a vítima. A violência psicológica está intimamente ligada ao uso de ameaças e agressões verbais. Este tipo de violência é o mais difícil de detetar pois não deixa marcas visíveis a olho nu. É um tipo de violência em que o ofensor parte ou estraga os teus objetos ou roupa; controla a tua maneira de vestir; controla o que fazes nos tempos livres e ao longo do dia; te liga constantemente ou envia mensagens e ameaça terminar a relação como estratégia de manipulação. No que diz respeito à violência sexual esta caracteriza-se sobretudo pela prática de atos sexuais ou forçados, ou seja, o agressor obriga a vítima a ter relações sexuais com este contra a sua vontade. Trata-se de um tipo de violência que deixa sequelas físicas e psicológicas na vítima (Redondo, Pimentel, & Correia, 2012). Este último tipo de violência está previsto no artigo 164º (Violação) do Código Penal Português.

Como já foi referido, a APAV (2011), apresenta mais dois tipos de violência presentes nas relações de namoro: verbal e social. Estamos perante violência verbal quando o(a) namorado(a) chama nomes e/ou grita; humilha, através de comentários negativos e quando intimida e ameaça. A violência social está implícita quando o(a) namorado(a) humilha, envergonha ou tenta denegrir a tua imagem em público, especialmente junto dos teus familiares e amigos; mexe, sem o teu consentimento, no teu telemóvel, nas tuas contas de

correio eletrônico ou na tua conta do Facebook e quando proíbe de conviver com os teus amigos e/ou com a tua família.

Makepeace (1981) foi o grande pioneiro no estudo da violência no namoro, desenvolvendo uma investigação nos Estados Unidos da América com a finalidade de obter a incidência de relações abusivas entre os jovens (Makepeace, 1981). A investigação levada a cabo por Makepeace (1981) concluiu que um em cada cinco estudantes universitários tinha sido vítima de violência física por parte do seu parceiro e que 61% da sua amostra conhecia alguém que já tinha sido alvo de comportamentos abusivos no namoro (Makepeace, 1981). A partir de então, o estudo da violência nas relações de intimidade juvenis assumiu um novo papel na produção científica internacional, com especial atenção nos Estados Unidos da América (Caridade, 2011). Inicialmente, os estudos realizados nesta área centravam-se sobretudo no ensino universitário (Cleveland, Herrera, & Stuewig, 2003). Segundo Price, Beyers, e Dating Violence Research (1999), nos primeiros estudos foram aplicados inquéritos de vitimação a diferentes grupos sociais e/ou grupos etários verificando-se níveis preocupantes de violência nas relações íntimas juvenis. As investigações feitas nesta área comprovaram que o abuso íntimo também ocorria durante os anos iniciais da formação do jovem ou com o início da adolescência (Cano, Avery-Leaf, Cascardi, & O'Leary, 1998).

Em 1986, O'Keefe, Brockopp, e Chew desenvolveram um estudo na Califórnia com 256 participantes do ensino secundário (53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino) de forma a determinar qual a prevalência da violência íntima, ao longo da vida e nas relações atuais. Comprovou-se que 35.5% dos participantes teriam sofrido algum tipo de violência íntima ao longo da sua vida.

No Canadá, no ano de 1991, um estudo conduzido por Barnes, Greenwood e Sommer com 245 participantes masculinos, universitários, com idades compreendidas entre os 17 e os 26 anos procurou demonstrar a prevalência da violência física e emocional. Neste estudo 42.6% dos participantes masculinos afirmaram a perpetração da violência física, sendo que 92.6% admitiu recorrer à violência emocional na sua relação de intimidade.

Um estudo desenvolvido por Straus e Yodanis (1996), nos Estados Unidos da América, e que envolveu 218 participantes universitários, sendo 36.2% do sexo masculino e 63.8% do sexo feminino, com uma média de idades de 20 anos procurou determinar a prevalência da violência física nas relações amorosas. O autor concluiu que 34% dos participantes teria usado a violência física contra o seu companheiro(a) amoroso(a).

Segundo Marcus e Swett (2002), foram feitas algumas estimativas e comprovou-se que 40% dos casais em regime de coabitação, 36% dos casados e 20% dos namorados, entre os 18 e os 24 anos de idade, afirmaram o envolvimento em condutas violentas nas suas relações.

Um estudo intercultural conduzido por Straus (2004) em 31 universidades de 16 países procurou determinar os indicadores de violência, física e física severa, ocorridos nas relações de namoro no último ano. Participaram neste estudo um total de 8.666 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos, tendo-se verificado que 29% dos alunos já teriam agredido fisicamente o seu companheiro(a) nos últimos 12 meses. Apurou-se ainda que em média 9.4% dos estudantes sofreu violência física severa no último ano. Neste estudo, comprovou-se ainda a existência de uma grande oscilação nas taxas de prevalência nas diversas universidades, sendo que a percentagem de ofensores oscilou entre 17-45%. Neste estudo verificou-se ainda que a violência menor apresenta uma grande

preponderância e que 10% dos estudantes assumiram recorrer ao abuso severo nas relações de namoro. Estes indicadores vão de encontro às evidências apuradas por outros estudos realizados com estudantes do Canadá e dos Estados Unidos da América. A investigação desenvolvida nesta área comprova que, quer as vítimas quer os ofensores, tendem a minimizar e a banalizar a violência menor como por exemplo, os insultos, as bofetadas e os empurrões, o que poderá explicar a manutenção das vítimas na relação e a continuidade da conduta abusiva por parte dos agressores (Machado, Caridade, & Martins, 2010). A permanência das vítimas numa relação abusiva tem sido explicada pelo facto de, as vítimas confundirem abuso com amor e ciúme ou por outro lado, acreditarem que estes episódios de violência por parte do companheiro são passageiros, acreditando que será possível mudar o seu companheiro(a) (Matos, 2006).

Close (2005) salienta que a violência no namoro na adolescência situa-se entre os 10% e os 35%. Também Smith, White e Holland (2003) comprovaram a ocorrência de violência entre 26,1% dos adolescentes inquiridos e os quais admitiram já ter vivenciado violência física e sexual, sendo que a violência sexual é mais frequente nas raparigas.

Vários estudos desenvolvidos nesta área apontam o homem como o perpetrador e a mulher como a principal vítima (Coker, Mckeown, Sauderson, Davis, Valois, & Huebner 2000). Não obstante, outros estudos (e.g., Lewis & Fremouw, 2001; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Machado, Caridade, & Martins, 2010; Straus, 2004) comprovaram que a violência entre o casal amoroso se caracteriza por trocas recíprocas de agressões. Por outro lado, White e Koss (1991) afirmam que as mulheres podem ser tão violentas fisicamente como os homens e, por vezes, ainda mais, tendo comprovado que

37% dos homens reconheciam ter infligido violência às suas parceiras, enquanto que 39% reportaram ter sido vitimados por aquelas.

A literatura documenta que a violência no namoro ao longo dos anos tem aumentado os seus valores de uma forma preocupante. De acordo com Sears e Byers (2010), 29% das raparigas e 41% dos rapazes reportaram a existência de violência física nas relações de intimidade e, 62% das raparigas e 60% dos rapazes reportaram a existência de violência psicológica.

Também Ramirez (2002) desenvolveu um estudo no México procurando investigar a prevalência da violência física, injúrias, coerção sexual e psicológica nas relações de namoro no último ano. Tendo por base uma amostra de 222 participantes, 85.6% do sexo feminino e 13.5% do sexo masculino, verificou que 37.8% dos participantes referiram ter sido vítimas de violência física (44.3% vítimas do sexo feminino e 31.2% vítimas do sexo masculino) e 14.4% vítimas de abuso severo (13.5% do sexo masculino e 15.2% do sexo feminino); dos inquiridos, 19.5% afirmaram ter experienciado coerção sexual no último ano e 4.3% afirmaram ter sofrido coerção sexual severa; mais de metade dos inquiridos (57%) afirmou ter sido vítima de violência psicológica, sendo 54.3% do sexo masculino e 60.3% do sexo feminino e a violência psicológica severa foi relatada por 31.1% dos inquiridos, sendo 37.5% do sexo masculino e 24.7% do sexo feminino. Tendo em conta a perpetração, 42.9% dos inquiridos admitiu recorrer à violência física, sendo 37.6% do sexo masculino e 48.3% do sexo feminino e 16% admitiu recorrer ao abuso severo sendo 16.1% agressores homens e 15.9% mulheres. Da amostra total 15.9% confirmou ter praticado coerção sexual e 3.7% reconheceu coerção sexual severa. Por fim, a violência psicológica foi admitida por 60% dos inquiridos, sendo 54.6% do sexo masculino e 65.4% do sexo feminino e a violência

psicológica severa reconhecida por 29%, sendo 31.2% do sexo masculino e 26.8% do sexo feminino.

O estudo desenvolvido por Aldrighi (2004), em São Paulo no Brasil, procurou estimar a prevalência e padrão de violência nas relações amorosas, no último ano e para tal contou com uma amostra de 455 participantes do ensino secundário, sendo que 35% eram rapazes e 65% eram raparigas. O autor concluiu que 21% tinha sido alvo de pelo menos um acto de violência física durante o último ano; comprovou-se ainda que havia prevalência da violência psicológica e coerção sexual, quando comparadas com a violência física.

Um outro estudo conduzido em Espanha por Muñoz-Rivas, Goméz, O'Leary e Lozano (2007), com 2416 participantes do ensino secundário, e em que 58.6% pertenciam ao sexo feminino e 41.4% ao sexo masculino com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, constatou que a agressão verbal é o tipo de violência mais prevalente admitida por 90% dos participantes e 40% aproximadamente admitiu ter recorrido à violência física; 95.3% das raparigas e 76.3% dos rapazes admitiu ter perpetrado agressão verbal e 92.3% das raparigas e 92.3% dos rapazes admitiu ter sido alvo de agressão verbal. Tendo em conta a violência física, verificou-se neste estudo um domínio dos atos de violência menor, no entanto a violência física severa era praticamente inexistente. A violência física severa é praticada sobretudo pelo sexo masculino, sendo que a violência física menor é mais admitida pelo sexo feminino.

Doroszewicz e Forbes (2008) desenvolveram um estudo na Polónia, procurando determinar a incidência da violência física, psicológica e sexual, bem como as diferenças de género nestas diferentes formas de violência, contando com uma amostra de 201 participantes do ensino secundário (49.8%

de raparigas e 50.2% de rapazes), com uma média de idades de 22 anos. Tendo em conta os resultados, 89% das raparigas e 77.2% dos rapazes assumiram perpetrar violência psicológica e 89% das raparigas e 74.3% dos rapazes admitiram usar forças “menores” de violência psicológica. Cerca de 35.6% dos rapazes e 48% das raparigas admitiram o uso de violência física e 34.7% dos rapazes e 45% das raparigas assumiram o uso de violência física “menor”. Em relação à violência severa, 15% dos rapazes e 25% das raparigas admitiram já ter recorrido a este tipo de violência. Tendo em conta a coerção sexual, 41.6% de rapazes e 40% de raparigas reconheceram usar coerção sexual “menor”, sendo que a coerção sexual mais severa foi admitida por 4% dos rapazes e 6% das raparigas.

Em Portugal, o estudo da violência nas relações de intimidade juvenil são ainda muito recentes mas encontram-se em clara expansão (Caridade, 2011). Só nos anos 90, com a aplicação de inquéritos a jovens começou a perceber-se que a violência íntima também era um problema alarmante na adolescência (cf. Caridade, 2011).

Um dos primeiros estudos conduzidos neste âmbito ocorreu entre 2001 e 2002 e foi conduzido por Susana Lucas e o qual procurou determinar a prevalência da agressividade entre namorados adolescentes. Este estudo reuniu 925 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, tendo-se verificado que 20% dos rapazes admitiu ter recorrido à agressividade na relação íntima, contra 9.8% das raparigas que também o admitiu fazer. Por outro lado, tendo em conta a agressão verbal, 43.2% das raparigas e 27% dos rapazes admitiram o uso deste tipo de agressão (Lucas, 2002).

Também Oliveira e Sani (2005), elaboraram um estudo com o objectivo de procurar caracterizar a violência física e psicológica nas relações amorosas, do ponto de vista do agressor e da vítima nas relações passadas e atuais,

contando para tal com uma amostra de 227 participantes do ensino universitário com uma média de idades de 24 anos. Em termos de resultados obtidos, as autoras constatarem que nas relações presentes, 52% dos participantes admitiram ter adotado comportamentos agressivos, pelo menos uma vez, para com o seu companheiro(a) amoroso(a) e 42% reconheceram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo. Nas relações passadas, verificaram que 33% dos participantes já teriam praticado pelo menos um ato abusivo e 41% reconheceu ter sido vítima, de pelo menos um ato abusivo, por parte do seu companheiro(a) amoroso(a). No que respeita às diferenças de género, este estudo comprovou que os rapazes usam mais a violência nos seus relacionamentos íntimos presentes (27.8%), mas também surgem como os mais vitimados (23.9%), relativamente às mulheres (21%).

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima desenvolveu o projeto IUNO II durante o ano letivo de 2005/2006, contando com 11 escolas dos concelhos do Porto, Matosinhos, Santo Tirso, Paredes, Paços de Ferreira, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia. Este projeto envolveu uma amostra de 578 participantes do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos. Este estudo apurou que a agressão emocional e verbal pontual variaram entre 7.1% – 31.9%, enquanto que os relatos de vitimação emocional e verbal pontual variaram entre os 4.7% – 29.6%. Nos casos em que a agressão emocional e verbal era continuada, as percentagens variaram entre os 1.0% – 28.5%, sendo que nos casos de vitimação continuada os valores oscilaram entre os 6.1% – 33.9%. Relativamente à agressão física, os casos de agressão pontual variaram entre os 2.6% – 7.2% e os relatos de vitimação variaram entre os 2.6% – 8.5%. Nas situações de agressão física continuada as percentagens oscilaram entre os 0.2% – 2.8% enquanto que, nos casos de vitimação continuada os valores variaram entre os 0.8% – 4.8%. No que diz respeito ao comportamento



ameaçador, os relatos de agressão pontual, apontaram para valores entre os 2.6% – 4.9% sendo que, os relatos de vitimação pontual se situaram entre os 1.2% – 7.1%. O abuso relacional integrou o projecto IUNO II sendo considerado uma forma de violência social na sua natureza (APAV, 2006). Os relatos de agressão relacional pontual oscilaram entre os 1.4% – 2.6%, enquanto que os relatos de vitimação relacional pontual variaram entre os 3.3% e os 4.6%. No que concerne aos relatos de perpetração continuada os valores variaram entre os 0.6% – 2.2% e nos casos de vitimação continuada oscilaram entre os 2.0% – 6.8%. Este projeto verificou ainda que, as raparigas assumiram mais frequentemente serem agressoras nos casos de agressão emocional e verbal, agressão física e comportamento ameaçador. Em relação ao abuso relacional, as diferenças de género não foram relevantes (APAV, 2006).

Costa e Sani (2007) desenvolveram um estudo procurando demonstrar a prevalência, frequência e severidade dos vários tipos de abuso em termos de perpetração e vitimação. A aplicação do Revised Conflict Tatic Scale (CTS2) foi feita a uma amostra de 345 participantes do ensino universitário com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos de idade. Tendo em conta a perpetração o estudo concluiu predominância da agressão psicológica (69% dos casos), depois do abuso físico sem sequelas (28% dos casos), seguindo-se a coerção sexual (19.8% dos casos) e por fim o abuso físico com sequelas (5.6% dos casos). De acordo com o padrão de vitimação, a violência psicológica (61.4% dos casos) predomina, seguindo-se o abuso físico sem sequelas (26.7% dos casos), depois a coerção sexual (24.4% dos casos) e por fim o abuso físico com sequelas (5.9% dos casos).

O estudo desenvolvido por Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes e Dias (2010), teve como objetivo determinar a prevalência de comportamentos de violência na relação de namoro e comparar as práticas e

comportamentos de violência em estudantes do ensino superior consoante o sexo. Dos 240 estudantes do ensino superior questionados, 29 eram do sexo masculino, 208 do sexo feminino e 3 não revelaram o sexo. Decorrente do estudo, 9.1% dos inquiridos afirmaram ter sofrido violência na relação de namoro, sendo que 1.3% do sexo masculino e 7.9% do sexo feminino. Dos inquiridos, 1.3% dos rapazes e 3.9% das raparigas admitiram ter sofrido violência física e sexual na sua relação de namoro. Tendo em conta a violência psicológica, 1.3% dos rapazes e 3% das raparigas assumiram sofrer este tipo de violência. Importa ainda salientar, que 1.6% dos rapazes e 3.7% das raparigas demonstraram ter sido vítimas de *stalking*.

A União de Mulheres Alternativa e Resposta no ano de 2010 desenvolveu um Projeto intitulado “Mudanças com Arte” por forma a analisar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro. Para tal, selecionaram uma amostra constituída por 413 jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos de idade em escolas do 1º, 2º ciclos e secundário. Este estudo constatou que 5% das raparigas e 2% dos rapazes inquiridos já sofreram violência física no namoro, sendo que 25% das raparigas e 24% dos rapazes afirmam ter sido vítimas de violência psicológica no namoro. Neste estudo, a violência psicológica incluir comportamentos tais como: “chamar nomes”, “pegar no telemóvel sem autorização para controle das chamadas e mensagens”, “proibir de estar ou falar com algum amigo”, “proibir de sair sem o namorado/a”, “ameaças”, “proibir vestir alguma peça de roupa”, “obrigar a fazer alguma coisa que o outro não queria e fazê-lo sentir mal por isso”, “humilhar, dizendo coisas que rebaixam”. Neste estudo, as raparigas surgem como sendo o alvo preferencial deste tipo de violência psicológica (UMAR, 2010).

Um estudo mais alargado conduzido por Sónia Caridade (2011) junto de jovens envolvidos em relações amorosas, de diferentes graus formativos (desde ensino secundário, profissional e universitário) e provenientes de diferentes zonas geográficas (Norte, centro, sul e ilhas) envolveu uma amostra de 4667 jovens, entre os 13 e os 19 anos de idade. Em termos globais, este estudo apurou que 25.4% dos inquiridos afirmaram ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo no último ano e 30.6% admitiu ter adoptado este tipo de acto em relação ao seu companheiro(a). De forma mais específica, a autora constatou uma preponderância da violência emocional registada em 19.5% dos casos, seguindo-se a violência física (13.4%) e as agressões físicas severas (6.7%). Esta diferenciação é igualmente manifesta no padrão de agressão, em que 22.4% dos participantes admitiram ter recorrido a comportamentos emocionalmente abusivos, 18.1% a violência física e 7.3% a agressões físicas severas (Caridade, 2011).

Oliveira (2014), desenvolveu um estudo com o objectivo de aprofundar o conhecimento do fenómeno da transmissão intergeracional da violência, tendo em conta o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças evidenciadas pelos jovens. A amostra contou com 1.476 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, dos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real e que frequentavam o ensino secundário e profissional. O estudo utilizou três instrumentos: o Inventário de Violência Conjugal (IVC-2); a Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (ECCV) e a Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI). O estudo revelou que dos 1.476 participantes, 693 (46.5%) mantinham um relacionamento íntimo atualmente. Analisados os comportamentos dos jovens nos seus relacionamentos constatou-se que 172 indivíduos (24.8%) assumiram ter adoptado um qualquer comportamento violento, pelo menos uma vez, para

com o seu/sua parceiro/a. Tendo em conta o sexo, 92 (53.5%) raparigas admitem o cometimento de comportamentos violentos e 80 (46.5%) rapazes também o admitiram. Os outros participantes (795) referem que nunca ter exercido qualquer comportamento violento para com o(a) seu/sua parceiro/a nas suas relações de namoro. No que respeita ao padrão de vitimação, 155 participantes (22.4%) referiram já ter sofrido atos abusivos por parte do(a) seu/sua parceiro/a. Os restantes 538 (77.6%) dizem nunca ter sido vítimas de agressões nas relações de namoro atuais. Relativamente à vitimação no presente, verificou-se que 66 (42.9%) eram rapazes e 88 (57.1%) eram raparigas.

A passagem em revista da literatura internacional e nacional mostra que a violência nas relações de namoro é uma realidade transversal a jovens de diferentes faixas etárias, podendo assumir diferentes expressões abusivas (desde a violência psicológica, física e sexual). Fundamenta-se assim a importância de procurar perceber quais os factores de risco que surgem frequentemente associados a este fenómeno de modo a poder delinear estratégias de combate desta realidade.

### **2.3. Factores de risco sobre violência no namoro**

A literatura tem vindo a identificar diversos factores de risco para a ocorrência de violência no namoro e os quais tem sido agrupados em diferentes categorias: familiares, ambientais, sociodemográficos, intrapessoais, interpessoais e situacionais (cf. Caridade, 2011).

A violência experienciada no seio familiar é de todos os factores aqueles que tem sido mais referenciado ao nível da literatura de especialidade

(Caridade, 2011). Segundo Wolfe, Wekerle e Scott (1997), testemunhar violência interparental ou ser-se vítima de abuso durante a infância constitui um poderoso fator de risco para o envolvimento numa relação violenta. A investigação realizada na área da transmissão intergeracional de violência tem por base a teoria da aprendizagem social. A teoria da aprendizagem social indica que a observação da violência no seio familiar de origem pode desencadear atitudes, ideias e normas agressivas (Corvo & DeLara, 2010). Esta teoria parte do princípio de que as crianças irão imitar o comportamento demonstrado pelos adultos pois consideram os adultos um modelo a seguir (Bandura, Ross, & Ross, 1961).

Deste modo, as crianças inseridas num seio familiar violento podem comprometer o desenvolvimento de relações saudáveis, pois o seu ambiente familiar promove comportamentos violentos, logo reduzidas oportunidades de socialização adequadas com os pares (Wolfe, Wekerle & Scott, 1997). A teoria da modelagem explica a relação existente entre a violência interparental e a violência no namoro. Esta teoria defende que o jovem tende a imitar ou tolerar determinadas práticas sendo assim, o jovem pode entender como correcto o uso da violência para a resolução de problemas (Riggs & O'Leary, 1996). A investigação comprova ainda que o historial de violência no seio familiar tem diferentes implicações nas raparigas e nos rapazes. As raparigas expostas à violência familiar têm maior probabilidade de serem vítimas de violência no namoro enquanto que os rapazes que testemunham a violência interparental têm maior tendência em agredirem as suas namoradas (Straus, 1992; Straus, Kaufman & Kantor, 1994 citado por Rosen, Bartle-Haring, & Stith, 2001)

No âmbito dos fatores de risco ambientais inserem-se essencialmente as características dos grupos de pares e a exposição à violência na comunidade (Caridade, 2011). A interação com o grupo de pares é um fator de

risco importante porque é a partir daqui que o jovem adquire novas normas, valores e comportamentos relacionais, negativos ou positivos, que são aprendidos através da observação. Como já foi referido anteriormente, o adolescente tende a imitar os comportamentos observados e por isso poderá haver um aumento da probabilidade dos jovens imitarem comportamentos violentos/agressivos e transportá-los para as relações amorosas (Arriaga & Foshee, 2004).

Os fatores de risco sociodemográficos têm sido alvo de diversos estudos no âmbito das relações amorosas (Caridade, 2011). Das variáveis sociodemográficas, o género tem sido alvo de maior estudo como variável potenciadora de agressão nas relações de namoro (Archer, 2000). De acordo com O’Keefe (1997), o uso da violência pelo género masculino está associado ao seu “background” individual, enquanto que no género feminino, o uso da violência surge ligado a fatores situacionais, como o conflito relacional e o grau de envolvimento amoroso.

O’Keefe e Treister (1998) desenvolveram um estudo, no qual encontraram em função do género diferentes padrões ao nível dos preditores. O género masculino, tendo em conta a variável “infligir violência” surge como a única com potencial preditivo da vitimação. O género feminino tem propensão a experienciar mais violência na sua intimidade quando infligem violência, quando consideram que a violência perpetrada pelo sexo masculino é legítima, quando existe grande conflito na sua relação de namoro, quando experienciam maior envolvimento relacional e menor satisfação e quando durante a fase de namoro teve diversos companheiros amorosos.

O nível socioeconómico também tem sido alvo de alguns estudos embora os resultados encontrados sejam pouco consistentes (Caridade, 2011). Enquanto que alguns estudos (e.g., Rivera-Rivera, Allen-Leigh, Rodríguez-

Ortega, Chávez–Ayala, & Lazcano–Ponce, 2007) sustentam que o nível socioeconómico enquanto fator de risco para violência nas relações de namoro tem uma associação positiva entre a perpetração masculina de violência íntima e níveis socioeconómicos médios e elevados outros estudos (e.g., Castro & Ruíz, 2004) verificaram exatamente o contrário, associando a violência na intimidade a níveis socioeconómicos mais baixos.

Ainda tendo em conta o nível socioeconómico baixo, O’Keefe (1997,1998) afirma que as pessoas com estatutos económicos baixos têm tendência a experienciar mais violência nas suas relações íntimas. As famílias mais carências encontram-se mais expostas ao *stress* tendo em conta situações de desemprego, problemas financeiros e capacidades de coping limitadas e por isso mais propícias à experienciação de violência nas suas relações (O’Keefe, 1997,1998)

Como fatores de risco sociodemográficos podemos ainda identificar a idade, as minorias étnicas e a área residencial. Apesar dos diversos estudos realizados no sentido de perceber se existe uma relação entre a idade e a violência nas relações de namoro, estes apontam a idade com sendo uma variável irrelevante (Cyr, McDuff & Wright, 2006; Howard, Qiu, & Boekeloo, 2003; Noland, Liller, McDermott, Coulter, & Seraphine, 2004). Tal como a idade, as minorias étnicas também são pouco coerentes nos resultados. Sendo que alguns estudos apresentam elevados níveis de violência nos jovens afro-americanos em comparação com os caucasianos (e.g., O’Keefe, 1997) e outros estudos dizem precisamente o contrário (Lane & Gwartney–Gibbs, 1985). Por fim, a área residencial (urbana, suburbana ou rural) assume um papel importante na violência no namoro. Os jovens que residem em zonas urbanas apresentam indicadores mais elevados de violência (Lane & Gwartney–Gibbs, 1985). Por outro lado, o estudo de Glass, Fredland, Jacquelyn, Michael, Phyllis

e Joan (2003) evidencia que os jovens que vivem em bairros pobres, com elevados níveis de violência e de desorganização social estão mais expostos a relações de namoro violentas.

Os fatores de risco intrapessoais foram os primeiros a emergir para explicar a violência na intimidade. Segundo Caridade (2011), as variáveis intrapessoais associadas à vitimação no namoro são: a depressão, os comportamentos suicidas e a baixa autoestima. Um estudo realizado por Roberts, Klein e Fisher (2003), salienta que os sintomas depressivos e os comportamentos suicidas podem ser consequências da violência gerada na intimidade dos jovens. Os jovens que já tentaram o suicídio são mais vulneráveis no sentido de poderem pelo menos vivenciar um ato de violência em contexto íntimo. A baixa autoestima no sexo feminino aumenta a probabilidade desta ser vítima nas suas relações de namoro. Por outro lado, a elevada autoestima no sexo masculino pode levar à vitimação e perpetração de violência psicológica. Deste modo, salienta-se assim que a autoestima está relacionada com a vitimação e com a perpetração (Sharpe & Taylor, 1999). O envolvimento em violência física nas relações de intimidade poderá também estar aliado à conduta antisocial na idade jovem (Roberts, Klein, & Fisher, 2003).

Em relação aos fatores de risco psicológicos de ordem interpessoal, atribui-se especial atenção à satisfação relacional, às estratégias de resolução de problemas e às competências de comunicação (Lewis & Fremouw, 2001). Estas variáveis poderão ter impacto no sucesso das relações de namoro (Lewis & Fremouw, 2001). A satisfação relacional configura um efeito bidirecional visto que poderá despoletar a vitimação e/ou perpetração (Lewis & Fremouw, 2001). As investigações evidenciam que a promoção de competências de comunicação poderá reduzir a violência na medida em que a expressão de



sentimentos e intenções por ambos os companheiros, poderá diminuir as interpretações errôneas que por vezes podem dar início a comportamentos violentos (Avery-Leaf & Cascardi, 2002 citado por Mahlstedt & Welsh, 2005).

O controlo interpessoal é um fator da violência no namoro sendo que o sexo feminino apresenta maior tolerância ao controlo, logo mais probabilidades de serem vítimas de violência numa relação amorosa (Follingstad, Rutledge, Polek & McNeill-Hawkins, 1988 citado por Caridade, 2011). Murray e Kardatzke (2007), identificam a dependência, a duração e a seriedade da relação como fatores de risco interpessoais, comprovando-se que a violência tende a ocorrer sobretudo nas relações de namoro mais sérias e de maior duração. Com o aumento da seriedade e duração da relação, tende a verificar-se um aumento da dependência emocional, os sentimentos de encurralamento e a tolerância por parte da vítima (Murray & Kardatzke, 2007).

Por fim, os fatores de risco situacionais têm sido largamente comprovados pela investigação tendo em conta a relação existente entre o consumo de substâncias e a violência nas relações amorosas (Roberts & Klein, 2003). Os primeiros estudos desenvolvidos sustentavam a ideia de que o uso de substâncias estava diretamente associado à perpetuação da violência pelo sexo masculino (Testa, Livingston, & Leonard, 2003). No entanto, a literatura tem vindo a demonstrar que as mulheres que apresentam elevados consumos de substâncias constituem um grupo de risco para a experiência de violência íntima (cf. Caridade & Nunes, 2014).

Testa, Livingston e Leonard (2003), sustentam que o uso de drogas, por ambos os géneros, poderá provocar um aumento da irritabilidade e da volatilidade na interação social, que por sua vez poderá levar à violência. Alguns autores sustentam que as raparigas que consomem mais álcool têm maior probabilidade de se envolverem em situações de risco, podendo aliar-se

a rapazes agressivos ou deter companheiros com consumos igualmente excessivos (Foshee, Linder, McDougall & Bangdiwala, 2001; Vézina & Hébert, 2007).

Identificados que estão alguns dos fatores de risco associados à vitimação e perpetração da violência íntima, torna-se igualmente importante conhecer o impacto e consequências que este tipo de vitimação acarreta para as suas vítimas.

#### **2.4. Impacto e consequências da violência no namoro**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2002), a violência constitui um problema global de saúde pública. Não obstante, no contexto português, verifica-se um reduzido investimento no estudo dos efeitos da violência tendo em conta o ajustamento psicossocial das vítimas mais jovens ou mesmo dos agressores (Close, 2005).

Na adolescência, a violência nas relações de namoro apresenta diversas consequências adversas a curto e a longo prazo quer a nível de saúde física, quer a nível de saúde mental (Paiva & Figueiredo, 2003).

Depois do ato de violência e dependendo da gravidade do ato existe um conjunto de consequências de caráter físico, psicológico e social que determinam o percurso da vítima (Silva, 2001). A vitimação por sua vez desencadeia nos adolescentes problemas de regulação emocional, uma diminuição da sua autoestima e do seu autoconceito (Negreiros, 2001). A violência infligida contra as mulheres tem consequências para a saúde física e mental, sendo a mais severa o homicídio e o suicídio feminino (Sharps & Campbell, 1999).

As consequências de carácter físico não dizem respeito apenas aos maus-tratos físicos infligidos pelo agressor, mas também ao *stress* experienciado pela vítima após o ato de violência. Tendo em conta as consequências de carácter psicológico, estas podem tornar-se um grande problema visto ser muito difícil a sua deteção e posteriormente torna-se muito difícil de ultrapassar e esquecer os atos de violência vividos pela vítima. Por fim, as consequências de carácter social podem trazer mudanças na vida da vítima nomeadamente, a mudança de casa e/ou escola (Silva, 2001).

Os estudos demonstram que existe uma relação entre a violência física e a violência psicológica no entanto, a violência psicológica deixa marcas mais profundas na vítima porque é exercida diariamente, várias vezes e sobre a forma de ameaça (Coker & Davis, 2001).

Manita *et al.* (2009) elencam alguns fatores que contribuem para o impacto da violência nas vítimas: os danos físicos, corporais e cerebrais; as alterações dos padrões de sono e as perturbações alimentares; as alterações da imagem corporal; os distúrbios cognitivos; os distúrbios de ansiedade; os medos e ataques de pânico; os sentimentos de vergonha, culpa e medo; a baixa autoestima; a dependência emocional o isolamento social, e os comportamentos depressivos.

Tendo em conta o sexo, as raparigas vítimas de violência no namoro são mais vulneráveis de experienciar sentimentos de tristeza e desânimo. A vitimação nas raparigas pode levar a tentativas de suicídio, a um maior envolvimento em lutas, envolvimento nos consumos de substâncias nomeadamente tabaco, álcool e substâncias ilícitas, bem como o envolvimento em comportamentos sexuais de risco (Howard & Wang, 2003). Alguns estudos realizados apontam o sexo feminino como potencial alvo de desenvolver Stress Pós-Traumático e comportamentos dissociativos quando estão envolvidas num

contexto de violência na intimidade (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003). Em relação aos adolescentes do sexo masculino, aqueles que foram vítimas de violência no namoro envolvem-se mais facilmente em lutas, tende a experimentar sentimentos de tristeza e desânimo e iniciam o abuso de substâncias tal como o sexo feminino (Howard & Wang, 2003). De acordo com Callahan et al. (2003), os jovens rapazes tendem a experimentar ansiedade, depressão e Stress Pós-Traumático nas relações de intimidade.

De acordo com o estudo realizado por Paiva e Figueiredo (2005), o abuso no relacionamento íntimo tem implicações no estado de saúde. Este estudo apurou que os indivíduos que perpetram abuso físico sem sequelas apresentam valores superiores de queixas físicas (média=95.1) em relação àqueles que não perpetram (média=77). Os participantes no estudo que referem perpetrar abuso físico com sequelas apresentam também mais sintomas físicos (média=89.7) do que os participantes que não perpetram este tipo de abuso (média=79.9). Relativamente à coerção sexual, os sujeitos que perpetram esta forma de abuso reportam também mais sintomas físicos (média=92.3) do que os sujeitos que não perpetram (média=77.5). Por fim, tendo em conta o abuso psicológico os sujeitos que perpetram este tipo de agressão revelam valores de sintomas físicos superiores (média=91.3) aos sujeitos que não perpetram este tipo de abuso (média=66.7). Em relação à vitimação no relacionamento íntimo para os diferentes tipos de abuso e para o relato de queixas físicas, este estudo concluiu que os participantes que reportam vitimização por abuso físico sem sequelas apresentam um índice de sintomas relativamente superior (média=109.0) aos sujeitos que não apresentam esta experiência (média=74.8). No que diz respeito aos participantes vítimas de abuso físico com sequelas, apresentam queixas físicas em frequência superior (média=98.0) àqueles que não reportam este tipo de

abuso (média=79.6). Por outro lado, os participantes que referem ser vítimas de abuso psicológico demonstram mais sintomas físicos (média=88.1) comparativamente aos que referem não ser vítimas deste tipo de abuso (média=71.5). Relativamente à coerção sexual, embora os sujeitos que sofrem este tipo de abuso tendam a revelar mais sintomas físicos (média=90.5) que os sujeitos que não relatam esta experiência (média=76.8).

Um estudo desenvolvido no contexto português por Simas (2011) apurou que as vítimas de violência nas relações de intimidade apresentam níveis significativamente mais elevados de sintomatologia psicopatológica em relação às não vítimas. Conclui-se ainda com este estudo que o abuso emocional, o padrão reiterado de violência e a presença de violência mútua são os casos que mais originam consequências negativas para a saúde mental (Simas, 2011).

Rush (2000), sustenta que a violência exercida sobre a mulher não é apenas um problema social mas também um problema de saúde pública. As mulheres que foram vítimas de violência no seu relacionamento recorrem mais frequentemente aos serviços médicos, tem maior taxa de absentismo, permanecem mais dias de cama e demonstram mais sintomas de *stress* e depressão (Rush, 2000). O *stress* e a depressão transportam a vítima para um panorama gravíssimo de ideação e/ou tentativas de suicídio, *stress* pós-traumático, baixa autoestima e abuso de álcool e substâncias ilícitas (Rush, 2000).

De acordo com Koss (1993), o medo, a raiva, o isolamento e o mal-estar emocional são reações emocionais frequentes em experiências de abuso no relacionamento íntimo. A vitimização em casos de violência no namoro tem como consequência o desenvolvimento de várias queixas somáticas como por exemplo, insónias, dores de cabeça, problemas gastrointestinais, e dores

pélvicas (Koss, 1993) e também sequelas físicas como ossos partidos e concussões (Cascardi, Langhinrichsen, & Vivian, 1992).

Para além das consequências legais, o recurso a este tipo de abuso acarreta também consequências sociais ao agressor nomeadamente a estigmatização social, a tensão com os amigos e familiares, o fim da sua relação afetiva, maior dificuldade em aprender e/ou utilizar estratégias favoráveis noutras situações (Caridade, 2013).

#### **2.4.1. Violência no namoro e ideação e comportamentos suicidas**

A ideação e comportamentos suicidas são uma consequência da experenciação de violência nas relações íntimas juvenis e poderá englobar três aspetos/dimensões: a ideação suicida, que se manifesta em desejos, atitudes ou planos de se matar; a tentativa de suicídio e suicídio consumado (Borges & Werlang, 2006; Braga & Dell'Aglio, 2013). O suicídio, as tentativas de suicídio e a ideação suicida são um importante problema de saúde pública (Baggio, Palazzo, & Aerts, 2009; Brezo, Paris, Barker, Tremblay, Vitaro, Zoccolillo, Hébert, & Turecki, 2007). Salienta-se assim que a ideação suicida é um importante preditor de risco para o suicídio, sendo o primeiro passo a dar para a consumação (Werlang, Borges, & Fensterseifer, 2005). Deste modo, tem sido defendido que a decisão de cometer o suicídio é pensada e não se verifica repentinamente (Braga & Dell'Aglio, 2013). Geralmente, o indivíduo quando pensa em cometer o suicídio tende a manifestar alguns sinais desta sua vontade (Braga & Dell'Aglio, 2013).

O suicídio tem sido percebido como um fenómeno multideterminado e

não pode ser restrito apenas ao conceito médico e ao conceito jurídico, sabendo-se que os aspectos éticos, culturais, psicológicos, antropológicos e filosóficos constituem questões sociais muito importantes para a temática em análise (Vieira, Freitas, Pordeus, Lira, & Silva, 2008).

Braga e Dell'Aglio (2013), referem que os elevados números de suicídios na adolescência estão relacionados com a dificuldade que os jovens têm em enfrentar as exigências sociais e psicológicas impostas pela fase desenvolvimental em que se encontram. O período da adolescência, de acordo com Borges e Werlang (2006), é uma fase muito intensa de conflitos e mudanças, podendo o adolescente recorrer a comportamentos agressivos, impulsivos ou suicidas com o objetivo de solucionar os seus problemas. É importante salientar ainda, que um jovem que pensa, ameaça, tenta e concretiza o suicídio apresenta falência nos mecanismos adaptativos e usam o suicídio como forma de aliviar a dor e o sofrimento (Borges & Werlang, 2006).

Alguns estudos (e.g., Avanci, Pedrão, & Júnior, 2005; Borges & Werlang, 2006; Espinoza-Gomez, Zepeda-Pamplona, Bautista-Hernández, Hernández-Suárez, Newton-Sánchez, & Plasencia-García, 2010; Meneghel, Victora, Faria, Carvalho, & Falk, 2004; Werlang *et al.*, 2005) identificam diversos fatores de risco especificamente relacionados com o suicídio na adolescência nomeadamente o isolamento social, o abandono, a exposição à violência intrafamiliar, a história de abuso físico ou sexual, os transtornos de humor e personalidade, a doença mental, a impulsividade, o *stress*, o uso de álcool e outras drogas, o suporte social deficitário, os sentimentos de solidão, desespero e incapacidade, o suicídio de um membro da família, a pobreza, a decepção amorosa, o homossexualidade, o *bullying*, o *locus* de controle externo, a oposição familiar a relacionamentos amorosos, as condições de saúde desfavoráveis, a baixa autoestima, o rendimento escolar deficiente, a

dificuldade de aprendizagem, entre outros.

Segundo Anderson e Smith (2003), os suicídios na adolescência tiveram um crescimento alarmante e encontram-se classificados como a terceira principal causa de morte entre os 15 e os 24 anos de idade. De acordo com o Plano Nacional de Prevenção do Suicídio (2013), as taxas de suicídio jovem em Portugal não são muito significativas, sendo que neste século a taxa foi sempre inferior a 5 por 100.000. No final da adolescência, a taxa de suicídio e tentativas de suicídio tem maior incidência (Santos & Sampaio, 2013). De acordo com a OMS (2002), nas últimas décadas o suicídio tem vindo a aumentar no seio da população jovem sendo que os jovens são o grupo de maior risco.

Bridge, Golstein e Brent (2006), realizaram um estudo em 15 países europeus com jovens entre os 15 e os 24 anos e verificaram que Portugal apresentava as taxas de suicídio mais baixas para homens (5.5%) e mulheres (1.3%). No entanto, entre os 15 e os 29 anos o suicídio era a segunda causa de morte.

Segundo Ullman (2004), a grande maioria das tentativas de suicídio no sexo feminino, tendo em conta a vitimização sexual feminina estão associadas a desordens psiquiátricas (70%), à violação sexual (12%) e a abusos (7%).

Um estudo realizado por Vieira e seus colaboradores (2008), constatou que a principal razão das tentativas de suicídio, que deram entrada no hospital de emergência, em contexto sociocultural é o amor não correspondido, tendo esse amor uma conotação do afetivo, do namoro, do caso, da primeira entrega; no entanto, não foi só nesse sentido que o “amor não correspondido” foi reportado. Decorrente deste estudo, os indivíduos referiram a fragilidade dos vínculos no relacionamento familiar, as escassas demonstrações de carinho, as ausências do respeito entre os membros da família, a falta de valorização do



adolescente, do seu físico e estética como outras razões para terem atentado contra a própria vida (Vieira et al., 2008).

Segundo Vieira e seus colaboradores (2008), alguns adolescentes quando tentam o suicídio, a sua verdadeira intenção não é acabar com a sua própria vida mas interromper uma fase de grande sofrimento. Os adolescentes tendem a solucionar o seu sofrimento interno atentando contra a sua própria vida, sem imaginarem as possíveis consequências deste ato, as possibilidades de fracasso como forma de se livrarem da dor psíquica (Vieira et al., 2008).

Um estudo conduzido por Chan, Straus, Brownridge, Tiwari e Leung (2008), envolveu 15.927 estudantes universitários de 21 países procurando demonstrar a prevalência da agressão física, da coerção sexual e da ideação suicida entre os estudantes universitários. Este estudo comprovou que, em média, 32% (8-48%) dos estudantes universitários inquiridos admitiram ter tido ideias suicidas. Portugal integrou este estudo, tendo-se constatado que 6.3% dos rapazes e 6.9% das raparigas afirmaram ter ideias suicidas. Do estudo conclui-se ainda que os países (China, Hong Kong, Índia, Israel, Singapura, Austrália, Nova Zelândia, Bélgica, Alemanha, Grécia, Lituânia, Holanda, Portugal, Rússia, Suíça, Suécia, Inglaterra, Brasil, México, Canadá e Estados Unidos da América) com índices de ideação suicida mais elevados do que a média, tiveram taxas de violência no namoro superior à média.

Em 2013, Buttar, Clements-Nolle, Haas e Reese desenvolveram um estudo com uma amostra de 305 adolescentes do sexo feminino envolvidos com o sistema de justiça juvenil em Nevada, com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos de idade, de forma a analisar a prevalência da violência no namoro, os problemas psicológicos e as tentativas de suicídio em adolescentes do sexo feminino. Verificaram que 18% das adolescentes já teriam tentado o suicídio com intenção de morrer e que em 40% dos casos a violência no

namoro está associada a problemas psicológicos e em 27% dos casos está associada a tentativas de suicídio.

Segundo Helman (2003), o suicídio trata-se de uma resposta extrema a fatores de stress psicológico em que o indivíduo não percebe qualquer resolução para o “seu problema”.

Os estudos internacionais comprovam, desta forma, que a ideação e comportamentos suicidas constituem uma das consequências da experiência de violência no âmbito das relações íntimas. Não obstante, importa referir que há estudos que comprovam que estas variáveis poderão apresentar um efeito bidireccional na violência. A título exemplificativo cita-se o estudo longitudinal desenvolvido por Roberts, Klein e Fisher (2003), o qual sustenta que os sintomas depressivos e os comportamentos suicidas poderão constituir quer percursos quer consequências da violência na intimidade dos jovens. Também Kreiter e colaboradores (1999) evidenciaram que as adolescentes com história de tentativa de suicídio apresentavam mais probabilidades de virem a experienciar pelo menos um acto de violência física na sua relação amorosa, do que as adolescentes sem estes percursos.

Assim e face a escassez de estudos neste âmbito desenvolvidos no nosso país, o estudo que a seguir se descreve pretende precisamente colmatar uma lacuna da investigação neste âmbito, ao procurar analisar a relação entre experiência de violência íntima e a ideação e comportamentos suicidas.

## Capítulo II

---

### Componente Empírica

## **1. Objetivos do estudo**

O presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação/associação entre a violência ocorrida nas relações íntimas juvenis e a ocorrência de ideação e comportamentos suicidas. De forma mais específica, pretende-se:

1. Caracterizar a prevalência de abuso íntimo (físico com e sem sequelas, psicológico e sexual), em termos dos indicadores de perpetração e vitimação;

2. Analisar a relação entre o padrão de agressão e vitimação do abuso íntimo (físico com e sem sequelas, psicológico e sexual) e o sexo dos participantes;

3. Caracterizar a prevalência da ideação e dos comportamentos suicidas;

4. Analisar a relação entre a ideação e os comportamentos suicidas e o sexo dos participantes;

5. Analisar a relação entre a experiencição de diferentes tipos de abuso íntimo e os indicadores de ideação e comportamentos suicidas;

6. Analisar a relação entre a experiencição de diferentes tipos de abuso íntimo, os indicadores de ideação e comportamentos suicidas e o sexo dos participantes.

## **2. Método**

A presente investigação contempla um estudo quantitativo de cariz essencialmente exploratório, descritivo e correlacional, baseado no autorrelato, com recurso ao inquérito através da técnica do questionário.

## 2.1. Amostra

A investigação no âmbito da violência nas relações íntimas tem vindo a comprovar que esta é uma realidade presente em diferentes faixas etárias, podendo iniciar-se na pré-adolescência, atravessando a adolescência e ir até à idade adulta (Lavoie, Robitaille, & Hébert, 2000).

O presente estudo contou com uma amostra final de 262 jovens que admitiram possuir experiência de namoro nos últimos 12 meses e com idades superiores a 16 anos. Dos 262 jovens que participaram no estudo, a grande maioria 197 (75.2%) pertenciam ao sexo feminino e 65 (24.8%) ao sexo masculino (cf. Tabela 1).

**Tabela 1.**

Sexo dos participantes (n=262).

Sexo dos participantes	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Masculino	65	24.8
Feminino	197	75.2
Total	262	100

A idade dos inquiridos encontra-se compreendida entre os 16 e os 39 anos como podemos constatar na tabela 2, sendo que a maioria dos jovens tem 22 anos (21.8%). Cerca de metade da amostra (59.6%) encontra-se na faixa etária dos 16 aos 23 anos, 31.4% na faixa etária entre os 24 e os 29 anos, sendo os restantes 9.3% pertencentes à faixa etária dos 30 aos 39 anos de idade. A média de idades é de 23.7 (D.P. = 4.14) (cf. Tabela 2).

**Tabela 2.**

Idade dos participantes (n=262).

Idade	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
16	3	1.1
17	7	2.7
18	10	3.8
19	7	2.7
20	17	6.5
21	20	7.6
22	57	21.8
23	35	13.4
24	19	7.3
25	21	8.0
26	12	4.6
27	16	6.1
28	7	2.7
29	7	2.7
30	7	2.7
31	4	1.5
32	4	1.5
34	1	0.4
35	2	0.8
36	1	0.4
37	1	0.4
38	2	0.8
39	2	0.8
<b>Total</b>	<b>262</b>	<b>100</b>

Em termos de habilitações literárias dos inquiridos é possível constatar-se mediante análise do quadro 3 que a maioria dos jovens é licenciado (50.4%). Uma percentagem considerável dos jovens inquiridos referiu possuir o 12º ano (29.8%), 14.5% o mestrado, 3.4% dos participantes situou a sua escolaridade entre o 4º ano – 9ºano, 1.5% referiu possuir bacharelato e apenas 1 participante se apresentou como sendo doutorado .

**Tabela 3.**

Habilitações literárias dos participantes (n=262).

Habilitações literárias	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
4º ano – 9º ano	9	3.4
12º ano	78	29.8
Bacharelato	4	1.5
Licenciatura	132	50.4
Mestrado	38	14.5
Doutoramento	1	0.4
Total	262	100

## 2.2. Instrumentos

A seleção dos instrumentos a utilizar no presente estudo foi efetuada tendo em conta a problemática em estudo, ou seja, focar-se no tópico da violência nas relações íntimas, considerando apenas a população jovem, assim como analisar a relação existente entre o abuso íntimo e a ideação e/ou comportamentos suicidas.

Neste sentido, para a realização desta investigação foram utilizados dois instrumentos: Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2), versão portuguesa do Revised Conflicts Tactic Scale (CTS 2) da autoria de Straus, Hamby, Boney-

McCoy e Sugarman (1996) e a qual foi adaptada por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo (2002) (cf. Anexo 1) e a Escala de Ideação e Comportamentos Suicidas, construída para o efeito da presente investigação por Caridade e Barros (2014) (cf. Anexo 2).

O CTS-2 permite avaliar a qualidade do relacionamento íntimo e identificar os casais que vivenciam os seguintes diferentes tipos de abuso: a) abuso físico sem sequelas, b) agressão psicológica, c) abuso físico com sequelas e d) coerção sexual. Este questionário permite-nos contabilizar o número de ocorrências durante o último ano por parte do inquirido e pelo/a companheiro/a. Apresenta oito categorias de resposta, sendo as primeiras seis destinadas a determinar a incidência e cronicidade no último ano (1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3-5 vezes no ano anterior, (4) 6-10 vezes no ano anterior, (5) 11- 20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior e as outras duas categorias destinadas a determinar a prevalência (7) não no ano anterior mas ocorreu anteriormente e a inexistência deste tipo de abuso (8) nunca aconteceu. O instrumento permite ainda determinar diferentes níveis de severidade do abuso, entendido no sentido do risco de sequelas para a vítima, classificando os itens em 'ligeiro' ou 'severo'. Os valores da consistência interna (alpha) para a versão portuguesa da CTS-2 são os seguintes: agressão psicológica é 0.67, abuso físico sem sequelas é 0.74, coerção sexual é 0.40, abuso físico com sequelas é 0.66 (Paiva & Figueiredo, 2006). No presente estudo, foram encontrados valores mais elevados em termos de consistência interna, sendo o alpha para a agressão psicológica de 0.90, 0.81 para o abuso físico sem sequelas, 0.56 para a coerção sexual e para 0.61 para o abuso físico com sequelas..

Para avaliar a ideação e comportamentos suicidas, optámos por construir uma Escala para o efeito, dada a inexistência no contexto português



de instrumentos de autorrelato específicos para esta população. A elaboração deste instrumento decorreu da revisão da literatura neste domínio e em que primeiramente se procurou gerar itens a partir da definição prévia de categorias gerais. Posteriormente, avançamos para a análise dos diferentes itens através do método de reflexão falada junto de 20 jovens, no sentido de verificar a adequação e compreensão do conteúdo dos diferentes itens. A escala intitulada de Ideação e Comportamentos Suicidas é constituída por quinze afirmações em que o indivíduo terá de responder em que medida nos últimos 12 meses, apresentou algum dos pensamentos e/ou comportamentos suicidas apresentados, tendo por base uma escala de *likert* de 5 pontos: 1. Nunca; 2. Raramente; 3. Algumas vezes; 4. Muitas vezes; 5. Sempre. A análise da coerência existente nas respostas dos sujeitos aos itens da escala, mediante o coeficiente alfa de Cronbach, evidenciou bons níveis de consistência interna (.81). Os valores da consistência interna (alpha) para o fator 1 relativo a pensamentos suicidas foi de 0.81 e para os comportamentos suicidas (fator 2) é 0.63.

Para analisar a validade de constructo procedemos à análise fatorial aos itens. A análise fatorial com rotação varimax permitiu a extração de dois fatores e os quais explicam 41.4 % da variância total dos resultados. O fator 1 é constituído por 11 itens (1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 12, 13, 14, 15) e explica 31.14% da variância dos resultados e é designado de Pensamentos/Ideação Suicidas; o fator 2 relativo aos Comportamentos Suicidas é constituído por 3 itens (8, 9 e 11) que explicam 10.32% da variância dos resultados.

### 2.3. Procedimentos

No que concerne aos procedimentos, inicialmente foi elaborado o protocolo de investigação , e seguidamente foram solicitadas as autorizações às autoras do instrumento de caracterização de prevalência do abuso íntimo – CTS 2 – a ser utilizado nesta investigação. Depois de obtida a autorização por parte das autores, procedeu-se à recolha de dados, tendo-se recorrido para o efeito a uma plataforma online – Google Docs – onde foram publicados os instrumentos e respectivo consentimento informado aos participantes. Inicialmente, os participantes foram confrontados com toda a informação referente ao estudo (objectivos, critérios de inclusão na amostra: ter estado envolvido em relação de namoro no último ano e possuir mais de 16 anos) e aos fins a dar aos resultados obtidos, sendo dadas garantias de anonimato e de confidencialidade aos inquiridos, num registo de cumprimento de todos os procedimentos éticos e deontológicos. Neste âmbito e para que o participante pudesse prosseguir com o preenchimento do protocolo de instrumentos, deveria primeiramente prestar o seu consentimento informado. No final do preenchimento do protocolo de instrumentos, aos participantes foram disponibilizados contactos de várias linhas de apoio (como a APAV, a CIG e a UMAR), a quem poderiam recorrer se assim entendessem e considerassem necessário. O conjunto de instrumentos foi divulgado através das redes sociais.

Finalizada a recolha de dados, os mesmos foram transferidos para uma base de dados construída para o efeito com recurso ao programa informático Statistical Package for Social Sciences (IBM SPSS versão 20.0).

## **2.4. Análise de dados**

Os dados recolhidos neste estudo foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS 20.0 (Statistical Package for the Social Sciences), sendo feitas análises descritivas para a caracterização da amostra e para estimar a prevalência dos diferentes tipos de abuso íntimo medidos pela Escala Tática de Conflitos, bem como dos pensamentos e comportamentos suicidas. Nas análises inferenciais, optou-se por cruzar apenas o sexo dos participantes com a Escala Tática de Conflitos e a Escala de Ideação e Comportamentos Suicidas, por esta constituir a variável sociodemográfica mais frequentemente analisada nos estudos conduzidos neste domínio. Assim, realizamos testes de associação (Qui-Quadrado) para analisar a relação entre o sexo dos participantes e os diferentes tipos de abuso íntimo; o sexo dos participantes e a presença de pensamentos e comportamentos suicidas, bem como a relação entre experiência de abuso íntimo e a presença de pensamentos e comportamentos suicidas e o sexo dos participantes.

## **3. Resultados**

### **3.1. Prevalência do abuso íntimo e sexo dos participantes**

Um dos objetivos desta investigação consistiu em caracterizar a prevalência de abuso físico (com e sem sequelas), psicológico e sexual, atendendo aos padrões de vitimação e perpetração. Assim, o abuso psicológico surge como o tipo de abuso mais relatado pelos participantes, quer em termos de perpetração (51.1%), quer em termos de vitimação (45.4%). De forma surpreendente, a coerção sexual surge como sendo o segundo tipo de abuso mais prevalente nesta amostra, sendo que 22.5% dos participantes

admitiu já ter recorrido a esta forma de violência nas suas relações íntimas e 24.5% referiu ter sido vítima deste tipo de abuso. Uma parte significativa da amostra (17.9%) assumiu recorrer ao abuso físico sem sequelas na sua relação de namoro e 16% referiu que foi vítima deste tipo de abuso por parte do seu companheiro(a). O abuso físico com sequelas apresentou uma reduzida taxa de prevalência, mas ainda assim preocupante, e em que 3.4% admitiu ter usado este tipo de abuso na sua relação íntima e, em igual percentagem (3.4%) admitiu ter sido vítima deste tipo de abuso por parte do seu companheiro(a) na sua relação de namoro, no último ano.

**Tabela 4.**

Prevalência do abuso psicológico, físico (com e sem sequelas), e sexual (n=262).

Tipos de Abuso Íntimo	Agressão		Vitimação	
	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
<b>Psicológico</b>	134	51.1	119	45.4
<b>Físico sem sequelas</b>	47	17.9	42	16.0
<b>Físico com sequelas</b>	9	3.4	9	3.4
<b>Coerção sexual</b>	59	22.5	64	24.4

Um segundo objetivo do nosso estudo prende-se com a análise da relação entre o abuso físico (com e sem sequelas), psicológico e sexual, considerando os padrões de vitimação e perpetração e o sexo dos participantes (cf. Tabela 5). Em termos de perpetração, o abuso psicológico assume maior preponderância comparativamente com os outros tipos de abusos, sendo assumido por 66% dos participantes do sexo masculino e por

68.2% dos inquiridos do sexo feminino, não se verificando, contudo, diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.086$ , n.s.). O abuso físico sem sequelas, ainda que menos prevalente foi admitido por 19.3% dos participantes do sexo masculino e por 20.5% do sexo feminino, e uma vez mais não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.036$ , n.s.). Por sua vez, O abuso físico com sequelas é admitido por uma pequena percentagem dos participantes quer do sexo masculino (1.6%) quer do sexo feminino (4.2%), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.960$ , n.s.). Já no que respeita à coerção sexual, foram encontradas disparidades de sexo estatisticamente significativas ( $\chi^2=21.25$ ,  $p =.000$ ) e em que os rapazes assumem mais frequentemente recorrer à coerção sexual (45.8%) quando comparados com as participantes do sexo feminino (16.7%).

No que respeita ao padrão de vitimação, não se verificaram quaisquer tipo de dissemelhanças de sexo estatisticamente significativas nos diferentes tipos de abuso. De forma mais específica, , o abuso psicológico torna a assumir a prevalência sendo admitido por 66.7% dos participantes do sexo masculino e por 56.3% do sexo feminino, não havendo diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=2.151$ , n.s.). Por outro lado, uma percentagem significativa de inquiridos do sexo masculino (32.3%) admitiu ter perpetrado coerção sexual e 23.5% dos inquiridos de sexo feminino assumiu ter sofridoeste tipo de abuso, não sendo as diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=1.858$ , n.s.). O abuso físico sem sequelas é mais reportado pelo sexo masculino (20.7%) do que pelo sexo feminino (17.4%), mas sem diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.307$ , n.s.). Por último, o abuso físico com sequelas foi assumido por 3.1% dos inquiridos do sexo maculino e por 3.6% do sexo feminino, não havendo igualmente diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.044$ , n.s.).

**Tabela 5.**

Associação do abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com e sem sequelas, e coerção sexual), com o sexo dos participantes (teste do Qui-quadrado).

Tipos de Abuso Íntimo		Masculino (%)	Feminino (%)	$\chi^2$
Perpetração	Psicológico	66	68.2	.086
	Físico sem sequelas	19.3	20.5	.036
	Físico com sequelas	1.6	4.2	.960
	Coerção sexual	45.8	16.7	21.25***
Vitimação	Psicológico	66.7	56.3	2.151
	Físico sem sequelas	20.7	17.4	.307
	Físico com sequelas	3.1	3.6	.044
	Coerção sexual	32.3	23.5	1.858

\*\*\*  $p < .001$

### 3.2. Prevalência da ideação e comportamentos suicidas e sexo dos participantes

Outro dos objetivos desta investigação visa caracterizar a prevalência da ideação e comportamentos suicidas. Assim, a grande maioria dos participantes do estudo (80.5%) admitiu já ter tido, uma vez ou mais, algum tipo de pensamento e/ou comportamento suicida. De forma mais específica, 80.2% dos participantes relatou ter tido algum tipo de pensamento suicida (fator 1) e 13.4% referiu ter adotado um comportamento suicida (fator 2) (cf.Tabela 6).

**Tabela 6.**

Prevalência da ideação e comportamentos suicidas (EICS) (n= 262).

	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Total EICS	211	80.5
Ideação suicida	210	80.2
Comportamentos suicidas	35	13.4

No que respeita à prevalência da ideação e dos comportamentos suicidas em função do sexo dos participantes, não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significativas, quer no total da escala ( $\chi^2=2.467$ , n.s.), quer no fator1 – ideação suicida ( $\chi^2=3.344$ , n.s.), bem como no fator 2 – comportamentos suicidas ( $\chi^2=.501$ , n.s.) (cf. Tabela 6).

**Tabela 7.**

Associação da ideação e comportamentos suicida (EICS) o sexo dos participantes (teste do Qui-quadrado).

	Masculino (%)	Feminino (%)	$\chi^2$
Total EICS	73.8	82.7	2.467
Ideação suicida	72.3	82.7	3.344
Comportamentos suicidas	10.8	14.2	.501

### 3.3. Abuso íntimo e ideação e comportamentos suicidas e sexo dos participantes

A tabela 8 apresenta a associação entre o abuso íntimo e a ideação e comportamentos suicidas e em que passaremos de seguida apenas a identificar os resultados com relevância estatística.

Assim e tomando em consideração o padrão de agressão, verificámos que o abuso psicológico e o abuso físico sem sequelas apresentam uma associação estatisticamente significativa, quer com o total da escala ( $\chi^2=8.081$ ,  $p<0.01$ ;  $\chi^2=6.632$ ,  $p<0.01$ , respetivamente) que avalia a ideação suicida e comportamentos suicidas, quer com o fator1 ( $\chi^2=8.081$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=6.952$ ,  $p<0.05$ , respetivamente) e fator 2 ( $\chi^2=10.493$ ,  $p<0.01$ ;  $\chi^2=7.220$ ,  $p<0.01$ , respetivamente). O abuso físico com sequelas surge apenas associado estatisticamente ( $\chi^2=8.271$ ,  $p<0.01$ ) com os comportamentos suicidas.

No que respeita ao padrão de vitimação, o abuso físico sem sequelas e a coerção sexual revelam uma associação estatisticamente significativa com o total da escala ( $\chi^2=5.583$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=6.525$ ,  $p<0.01$ , respetivamente), a ideação ( $\chi^2=5.863$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=5.157$ ,  $p<0.05$ , respetivamente) e os comportamentos suicidas ( $\chi^2=13.648$ ,  $p<0.01$ ;  $\chi^2=4.282$ ,  $p<0.05$ , respetivamente). Por sua vez, o abuso psicológico e o abuso físico com sequelas apresentam uma associação estatisticamente significativa apenas com os comportamentos suicidas ( $\chi^2=6.069$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=8.376$ ,  $p<0.01$ , respetivamente) (cf. Tabela 8).

Em suma, a experenciação de algum tipo de abuso medido pela Escala Tática de Conflitos, assim como o recurso por parte dos participantes aos diferentes tipos de abuso íntimo apresenta uma relação estatisticamente



significativa seja com a ideação e/ou comportamentos suicidas.

Quando se considera o sexo dos participantes e o total da escala que avalia a ideação e comportamentos suicidas é possível perceber a existência de uma associação positiva com a perpetração da coerção sexual pelo sexo masculino ( $\chi^2=7.606$ ,  $p<0.05$ ), assim como pela vitimação desta forma de abuso pelos rapazes ( $\chi^2=7.457$ ,  $p<0.05$ ). Por sua vez, o total da escala apresenta uma associação estatisticamente significativa com a perpetração pelo sexo feminino do abuso psicológico e físico sem sequelas ( $\chi^2=9.640$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=4.535$ ,  $p<0.05$ , respetivamente). A ideação e os comportamentos suicidas surgem ainda positivamente associados à vitimação feminina do abuso físico sem sequelas ( $\chi^2=5.307$ ,  $p<0.05$ ) (cf. Tabela 8).

A análise da relação entre o sexo dos participantes e a ideação suicida (fator 1 da EICS), permitiu-nos a existência de uma associação estatisticamente significativa entre os pensamentos suicidas e a perpetração e experienciação pelo sexo masculino da coerção sexual ( $\chi^2=7.606$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=5.191$ ,  $p<0.05$ , respetivamente). Por sua vez, o recurso ao abuso psicológico e físico sem sequelas pelas raparigas surge também positivamente associado à ideação suicida ( $\chi^2=9.64$ ,  $p<0.05$ ;  $\chi^2=4.535$ ,  $p<0.05$ , respetivamente). Ao nível do padrão de vitimação, apenas a experienciação pelo sexo feminino do abuso físico sem sequelas revelou uma associação estatisticamente significativa com a ideação suicida ( $\chi^2=5.307$ ,  $p<0.05$ ).

Por fim, quando se considera a relação entre o sexo dos participantes e os comportamentos suicidas (fator 2 da EICS), verificámos que, no caso do sexo masculino, apenas a vitimação da coerção sexual surge positivamente associada com os comportamentos suicidas ( $\chi^2=5.673$ ,  $p<0.05$ ). Já no caso do

sexo feminino, apenas a perpetração e vitimação da coerção sexual não evidenciam qualquer associação estatisticamente significativa com os comportamentos suicidas ( $\chi^2=.698$ , n.s.;  $\chi^2=1.686$ , n.s., respetivamente).

Em suma, a ideação e/ou comportamentos suicidas apresentados pelo sexo masculino revelam uma associação positiva apenas com a perpetração e/ou vitimação da coerção sexual. Já no caso das raparigas encontramos um padrão de associações diferente, e em que não se verifica qualquer relação, seja no padrão de agressão, seja no de vitimação, entre a ideação e/ou comportamentos suicidas e a coerção sexual. As associações estatisticamente significativas detetadas situam-se sobretudo entre a ideação e/ou comportamentos suicidas da perpetração e vitimação do abuso psicológico, físico sem sequelas e físico com sequelas.

**Tabela 8.**

Associação do abuso íntimo, ideação e comportamentos suicidas (EICS) e sexo dos participantes (Qui-Quadrado).

	Tipos de abuso íntimo	Total EICS			Ideação suicida			Comportamentos suicidas		
		Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.
Perpetração	Psicológico	8.081**	.156	9.640*	8.081*	.156	9.64*	10.493**	1.073	9.440*
	Físico sem sequelas	6.632**	2.086	4.535*	6.952*	2.432	4.535*	7.220**	.090	7.685*
	Físico com sequelas	0.454	.367	.155	0.488	.398	.155	8.271**	.105	8.921*
	Coerção sexual	3.405	7.606*	.715	3.405	7.606*	.715	0.799	3.746	.698
Vitimação	Psicológico	4.576	.206	5.074	4.576	.206	5.074	6.069*	1.041	6.093*
	Físico sem sequelas	5.583*	.903	5.307*	5.863*	1.167	5.307*	13.648**	1.084	13.747*
	Físico com sequelas	2.298	.731	1.553	2.354	.790	1.553	8.376**	.249	11.884*
	Coerção sexual	6.525**	7.457*	1.788	5.157*	5.191*	1.798	4.282*	5.673*	1.686

\*p < 0.05; \*\*p < 0.01

### 3. Discussão dos Resultados

Este estudo procurou analisar a relação entre a perpetração e experiencição de violência nas relações de namoro juvenis e a ideação e os comportamentos suicidas.

De uma forma global, este estudo veio comprovar a existência de elevados indicadores de violência nas relações íntimas juvenis. De forma mais específica, o abuso psicológico surge como o tipo de abuso mais mencionado pelos participantes, quer ao nível de perpetração (51.1%) e vitimação (45.4%). Estes dados corroboram o que tem sido encontrado em outros estudos internacionais (e.g., Barnes, Greenwood & Sommer, 1991; Doroszewicz & Forbes, 2008; Muñoz-Rivas, Gómez, O’Leary & Lozano, 2007; Ramirez, 2002; Sears & Byers, 2010) e nacionais (Caridade, 2011; Costa & Sani, 2007; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004). Esta preponderância da violência psicológica nas relações de namoro não deverá conduzir a uma desvalorização do problema da violência neste contexto relacional, na medida em que a literatura tem vindo a sustentar a existência de uma escalada da violência (e.g., Wekerle & Wolfe, 1999), constituindo a violência psicológica um preditor da violência física e de que esta poderá acarretar consequências tão ou mais nefastas do que outras formas de violência (e.g., Shwartz, Magee, Griffin, 2004 citados por Cáceres & Cáceres, 2006).

Neste estudo, a coerção sexual surge como o segundo tipo de abuso mais reportado pelos participantes quer ao nível de perpetração (22.5%), quer ao nível de vitimação (24.4%). Não obstante, outros estudos apuraram valores relativamente idênticos, sendo estes compreendidos entre os 15.9% e os 41.6% (Aldrighi, 2004; Costa & Sani, 2007; Doroszewick & Forbes, 2008; Paiva

& Figueiredo, 2004; Ramirez, 2002).

Efetivamente, também outros estudos desenvolvidos em território nacional, mediante o recurso ao mesmo instrumentos – Escala Tática de Conflitos, apuraram uma prevalência significativa do abuso psicológico e coerção sexual quando comparadas com a violência física (Figueiredo, Bifulco, Paiva, Fernandes, Matos & Maia, 2004; Figueiredo & Paiva, 2001; Paiva & Figueiredo, 2004). O facto de estes tipos de abuso íntimo serem socialmente mais aceites e menos censurados (Paiva & Figueiredo, 2005) poderão ajudar a compreender a maior preponderância dos mesmos na nossa amostra.

Já no que concerne à prevalência do abuso físico encontrada no presente estudo, 17.9% dos participantes assumiram a perpetração do abuso físico sem sequelas e 16% referiram ter sido vítima deste tipo de abuso. Estes valores afiguram-se, deste modo, algo inferiores aos obtidos por outros estudos (valores compreendidos entre os 13.4% e os 29%) (Aldrighi, 2004; Caridade, 2011; Costa & Sani, 2007; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004). O facto de o abuso físico ser socialmente mais estigmatizado poderá ajudar a compreender o subrelato deste tipo de abuso íntimo por parte dos jovens (Paiva & Figueiredo, 2005).

Por fim, os indicadores de vitimação e perpetração do abuso físico com sequelas apurados neste estudo são similares e assumem menor preponderância (3.4%) comparativamente com as outras formas de abuso. Estes dados vão de encontro ao apurado por outros estudos desenvolvidos e que encontraram valores compreendidos entre os 3.8% e os 16% (Caridade, 2011; Costa & Sani, 2007; Paiva & Figueiredo, 2004; Ramirez, 2002; Straus, 2004). Conclui-se assim, que os dados apurados neste estudo no que respeita aos diferentes tipos de abuso íntimo são em tudo similares aos encontrados por outros estudos nacionais e internacionais. Apenas os indicadores relativos

aos abuso físico com sequelas se mostraram ligeiramente inferiores aos limites obtidos por outros estudos. De referir que a grande variabilidade registada nas taxas de prevalência pelos diferentes estudos conduzidos neste âmbito tem sido essencialmente atribuídas a questões metodológicas (e.g., definição de abuso íntimo, tipo de instrumentos utilizados, características da amostra, entre outros) (Caridade, 2013).

No nosso estudo, apenas encontramos diferenças de sexo estatisticamente singificativas na perpetração da coerção sexual, em que os rapazes assumem recorrer mais a este tipo de abuso, comparativamente com as raparigas. Este dado corrobora aquilo que tem sido apurado pela grande maioria dos estudos neste âmbito. Efetivamente, a literatura documenta que é no domínio da violência sexual que se verificaram maiores dissemelhanças de sexo, e em que a agressão masculina tende a apresentar índices de ocorrência consideravelmente mais elevados (cf. Caridade, 2011). Para a perpetração e vitimação dos restantes tipos de abuso íntimo medidos pela Escala Tática de Conflitos não se registaram diferenças de sexo estatisticamente significativas, apontando para a existência de alguma reciprocidade da violência entre rapazes e raparigas. Esta paridade da violência surge corroborada por um número significativo de estudos desenvolvidos neste domínio e os quais sustentam, portanto, a ausência de diferenças de género quantitativas na agressão íntima (e.g., Straus, 2004; Straus & Ramirez, 2007). Não obstante, a análise da relação vitimação, agressão e sexo tem motivado algum debate ao nível da investigação científica neste âmbito, existindo estudos que obtiveram resultados divergentes neste sentido (cf. Caridade & Machado, 2013). Assim, e se os primeiros estudos empíricos (e.g., Makepeace, 1981) apontavam o homem como principal ofensor e a mulher como a principal vítima, estudos subsequentes (e.g., Straus, 2004) sustentaram a existência de níveis similares

de vitimação entre rapazes e raparigas. Mais recentemente, estudos nacionais (e.g., Caridade, 2011) e internacionais (e.g., Windle & Mrug, 2009) encontraram resultados mais ambíguos em termos de sexo, evidenciando, por exemplo que os rapazes poderão experienciar níveis mais elevados de vitimação do abuso íntimo e de que as raparigas admitem mais frequentemente o recurso à violência (cf. Caridade & Machado, 2013).

O nosso estudo apurou ainda a existência de indicadores significativos de ideação e/ou comportamentos suicidas entre os participantes, destacando-se uma preponderância da ideação suicida (80.42%), comparativamente aos comportamentos suicidas (13.4%). A este respeito, será de referir que alguns estudos (e.g., Silva, Oliveira, Botega, Marin-León, Barros, & Dalgalarrrondo, 2006) documentam que 60% dos sujeitos que cometem o suicídio já o teriam previamente idealizado, sabendo-se ainda que a ideação suicida e os comportamentos autolesivos são importantes preditores de suicídio (Plano Nacional de Prevenção do Suicídio, 2013).

Concomitantemente, foi possível perceber no presente estudo a existência de uma associação entre o abuso íntimo e a ideação e os comportamentos suicidas, indo de encontro ao apurado por estudos internacionais (e.g., Chan et al., 2008; Bossarte et al., 2008; Buttar et al., 2013). No presente estudo, no caso das raparigas, ao contrário do que se verificou nos rapazes, não encontramos qualquer relação estatisticamente significativa, seja no padrão de agressão, seja no de vitimação, entre a ideação e/ou comportamentos suicidas e a coerção sexual. Não obstante, já no caso das raparigas que relataram recorrer e sofrer abuso psicológico, físico sem sequelas e físico com sequelas verificámos associações estatisticamente significativas com a ideação e/ou comportamentos suicidas. Em nosso entender, tais resultados poderão de igual modo ser explicados pelo facto de

as raparigas tenderem para uma maior valorização das relações interpessoais (e amorosas), as quais ocupam um papel central no seu autoconceito (Broidy & Agnew, 1997) e neste sentido mais facilmente admitem a sua cota-parte de responsabilidade nos problemas relacionais (e.g., Feiring, Deblinger, Hoch-Espada, & Haworth, 2002) e as suas consequências. Note-se ainda que a literatura comprova que perante dificuldades nas relações interpessoais, as raparigas propendem sobretudo para o desenvolvimento de problemas de internalização e mais concretamente adoção de comportamento autodestrutivos (Broidy & Agnew, 1997). Por oposição, os rapazes tendem mais a negar as suas dificuldades ao nível do relacionamento (e.g., Feiring et al., 2002), documentando-se ainda uma tendência masculina mais geral para minorar os sintomas e as dificuldades (e.g., Dutton & Hemphill, 1992; Pederson & Thomas, 1992 citados por Feiring et al., 2002), o que poderá ajudar a compreender os resultados encontrados no presente estudo.

Tais evidências comprovam assim relevância destes resultados e a importância de os programas preventivos neste domínio considerarem estratégias de prevenção do suicídio.



## Conclusões

O problema da violência nas relações de namoro é uma realidade presente na vida relacional de muitos jovens portugueses, acarretando custos significativos para a saúde e desenvolvimento dos jovens, pelo que urge a identificação e implementação de múltiplas estratégias de intervenção para fazer face a este fenómeno (Caridade, 2013). O presente estudo ao analisar a prevalência dos diferentes tipos de abuso íntimo em jovens e da ideação e comportamentos suicidas enforma mais esforço importante na caracterização deste fenómeno. Para além disso, o facto deste estudo procurar analisar a relação entre o abuso íntimo e a ideação e comportamentos suicidas constitui, em nosso entender, um passo importante no progresso da investigação neste domínio, dada a inexistência de estudos neste âmbito no contexto português.

Não obstante os seus contributos, o presente estudo não está isento de limitações que poderão ter influenciado os seus resultados e sobre os quais interessa refletir, procurando a partir destas delinear pistas para a investigação futura neste domínio.

Uma primeira limitação prende-se, desde logo, com questões metodológicas e mais especificamente, o tipo de amostra. Tratando-se de uma amostra não probabilística, não permite a generalização dos resultados obtidos à população-alvo. Por outro lado, e tomando em consideração o *design* – correlacional – do presente estudo, apenas pudemos analisar as associações entre as variáveis estudadas (abuso íntimo e ideação e comportamentos suicidas), não sendo possível o estabelecimento de relações causa-efeito entre estas. Além disso, este estudo centra-se em variáveis específicas – ideação e comportamentos suicidas, não explorando outras variáveis (e.g., depressão, ansiedade) que a literatura (e.g., Chan et al., 2008) tem vindo a demonstrar como possuindo uma associação igualmente

importante com o abuso íntimo. Acresce ainda a modalidade eleita para a recolha de dados – online – e qual encerra quer vantagens (e.g., reduzidos custos, permite uma recolha mais rápida e célere; resultados obtidos em tempo real), quer desvantagens (e.g., nem toda a gente tem ainda acesso a Internet; poderá ser difícil motivar os inquiridos a responder ao questionário, o que normalmente origina muitas faltas de resposta, o que será particularmente verdade quando o tipo de questões não tem utilidade ou algum tipo de relação com o inquirido; se houver alguma dúvida no preenchimento do questionário, não haverá hipótese de esclarecimento).

Por fim, o facto de o estudo ser meramente quantitativo, com recurso a medidas de autorrelato, não nos permite obter uma compreensão mais fenomenológica do fenómeno.

Identificadas as limitações do presente estudo, parece-nos importante continuar a apostar no desenvolvimento de outras propostas de investigação neste âmbito que permitam não só aprofundar as variáveis analisadas neste estudo, mas também outro tipo de variáveis psicológicas (e.g., depressão, ansiedade, entre outras). O recurso por parte dos estudos a análises de regressão seria igualmente necessário e importante para apurar as relações causa-efeito entre o abuso íntimo e a ideação e comportamentos suicidas e outras variáveis. De igual modo, urge o desenvolvimento de estudos de carácter longitudinal no sentido de aprofundar e perceber o impacto que este tipo de violência relacional tem no funcionamento psicológico, físico e social dos mais jovens. Consideramos ainda que a realização de estudos de índole qualitativo neste domínio seria igualmente uma *mais valia*, na medida em que permitiram compreender melhor o contexto em que se instalam as dinâmicas abusivas, bem como as suas consequências no ajustamento psicossocial dos jovens. Só desta forma será possível recolher informação útil para a delineação

de programas interventivos que contemplem verdadeiramente os problemas apresentados pelas vítimas deste tipo de abuso íntimo.

Como últimas considerações, esperamos ainda que os resultados alcançados pelo presente estudo permitam auxiliar o desenvolvimento de estratégias de prevenção da violência nas relações íntimas juvenis e, mais especificamente, na delineação de estratégias de prevenção da ideação e dos comportamentos suicidas.

## Referências

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6, 105–120.
- Anderson, R. N., and B. L. Smith. 2003. Deaths: Leading causes for 2001. *National Vital Statistics Report* 52(9): 1–86.
- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2006). *Relatório de atividades do projeto IUNO II – Sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual*. APAV: Porto.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 126, 651–680.
- Arriaga, X. B., Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence. Do adolescents follow in their friends or their parents', footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 162–184.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir. Porto: APAV.
- Avanci, R., Pedrão, L. & Júnior, M. (2005). Perfil do adolescente que tenta suicídio em uma unidade de emergência. *Revista Brasileira de Enfermagem* 58(5):535–539.
- Baggio, L., Palazzo, L. & Aerts, D. (2009). Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. *Cad. Saúde Pública*, 25(1):142–150.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. (1961) Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575–582.

- Barnes, G.E., Greenwood, L., & Sommer, R. (1991). Courtship violence in a Canadian sample of male college students. *Family Relations*, 40, 37–44.
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas relações amorosas: uma análise sociológica dos casos detetados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto*. Lisboa: Edições Colibri.
- BDJUR. (2011). *Código Penal*. Coimbra: Edições Almedina.
- Black, M. B., & Weisy, N. A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviors of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9, 187–206.
- Borges, V. & Werlang, B. (2006). Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. *Estudos de Psicologia*, 11(3):345–351.
- Bossarte, R. M., Swahn, M. H., & Simon, T.R. (2008). Clustering of adolescent dating violence, peer violence, and suicidal behavior. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(6), 815–833.
- Bradley, J. (2003). Confrontação, apaziguamento ou comunicação? In Anderson, & R., Dartington, A. (Ed.), *Olhar de frente, Perspectivas Clínicas das Perturbações da Adolescência* (pp. 107–124). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Braga, L. & Dell’Aglío, D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1):2–14.
- Brezo, J., Paris, J., Barker, E.D., Tremblay, R., Vitaro, F., Zoccolillo, M., Hébert, M., & Turecki, G. (2007). Natural history of suicidal behaviors in a population-based sample of young adults. *Psychol Med*.37(11), 1563–74.
- Bridge, J., Golstein, T., & Brent, D. (2006). Adolescent suicide and suicidal behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47:3/4, 372–394.

- Broidy, L. & Agnew, R. (1997). Gender and Crime: A General Strain Theory Perspective. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 34, 275–306.
- Buttar, A., Clements–Nolle, K., Haas, J., & Reese, F. (2013). Dating violence, psychological distress, and attempted suicide among female adolescents in the juvenile justice system. *Journal of Correctional Health Care* 19(2), 101–112.
- Cáceres, A. & Cáceres, J. (2006). Violencia en relaciones íntimas en dos etapas evolutivas. *Internacional Journal of Clinical and Health Psychology*, 6, 271–284.
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664–681.
- Cano, A., Avery–Leaf, S., Cascardi, M., & O’Leary, K.D. (1998). Dating violence in two high school samples: discriminating variables. *The Journal of Primary Prevention*, 18, 431–446.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 1 (XXIV), 485–493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, Vol. XXVII(1), 91–113.
- Caridade, S. & Nunes, L. (2014). Violência nas Relações Íntimas Juvenis e Abuso de Substâncias: Vitimação, Agressão e Género. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 6, 167–188.
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas violentas: uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.

- Caridade, S. (2013). Violência nas relações íntimas juvenis (VRIJ): estratégias de identificação e intervenção. In S. Caridade & A. Sani (Ed.). *Violência, Agressão e Vitimação* (pp. 55-77). Coimbra:Almedina.
- Cascardi, M., Langhinrichsen, J., & Vivian, D. (1992). Marital aggression: Impact, injury and health correlates for husbands and wives. *Archives of Internal Medicine, 152*, 1178–1184.
- Castro, R. & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Revista Saúde Pública, 38*, 62–70.
- Chan, K.L., Straus, M.A., Brownridge, D.A., Tiwari, A., & Leung, W.C. (2008). Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female university students worldwide. *Journal of Midwifery & Women's Health, 53*(6), 529– 537.
- Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence, 18*, 325–339.
- Close, S. M. (2005). Dating violence prevention in middle school and high school youth. *Journal of Child & Adolescent Psychiatric Nursing, 18*, 2–9.
- Coker, A. L., Mckeown, R. E., Sauderson, M., Davis, K. E., Valois, R. E., & Huebner, E. S. (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina high school students. *American Journal of Preventive Medicine, 19*, 220–227.
- Coker, A., & Davis, K. (2001). *Impact of intimate violence on men and women: Analysis of the NVAW Survey*. Paper presented at 7th International Family Violence Research Conference. Portsmouth: New Hampshire.

- Corvo, K., & DeLara, E. (2010). Towards an integrated theory of relational violence: Is bullying a risk factor for domestic violence? *Aggression and Violent Behavior, 15*, 181–190.
- Costa, I. R. & Sani, A. I. (2007). O Abuso e as Crenças sobre a Violência nas Relações Amorosas de Estudantes Universitários. *Revista Lusófona de Ciência da Mente e do Comportamento, 8*(2).
- Cyr, M., McDuff, P., & Wright, J. (2006). Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence, 21*, 1000–1017.
- Dias, J. (2004). *Direito Penal: Questões fundamentais a doutrina geral do crime*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Direção Geral da Saúde (2013). *Plano Nacional de Prevenção do Suicídio*. DGRS, Lisboa.
- Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes e Dias (2010). *A Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência*. Actas do Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. [Em linha] <<http://www.actassnip2010.com>>.
- Doroszewicz, K., & Forbes, G. B. (2008). Experiences with dating aggression and sexual coercion among polish college students. *Journal of Interpersonal Violence, 23*, 58–73.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica, 43*, 105–124.
- Dutton, D. G., & Hemphill, K. J. (1992). Patterns of socially desirable responding among perpetrators and victims of wife assault. *Violence and Victims, 7*(1), 29–40.



- Espinoza-Gómez, F., Zepeda-Pamplona, V., Bautista-Hernández, V., Hernández-Suárez, C., Newton-Sánchez, O., & Plasencia-García, G. (2010). Violencia doméstica y riesgo de conducta suicida en universitarios adolescentes. *Salud Publica Mexico*, 52(1):213-219.
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: the role of gender, grade and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 373-385.
- Figueiredo, B. e Paiva, C. (2001). Maus tratos em amostras na comunidade: Prevalência de abuso físico e sexual. *Infância e Sociedade*, 4, 121-134.
- Figueiredo, B., Bifulco, A., Paiva, C., Fernandes, E., Matos, R. e Maia, A. (2004). History of abuse in Portuguese parents. *Child Abuse and Neglect*, 28, 669-682.
- Foshee, V. A., Linder, F., McDougall, J. E. & Bangdiwala, S. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Preventive Medicine*, 32, 128-141.
- Glass, N., Fredland, N., Jacquelyn, C., Michael, Y., Phyllis, S., & Joan, K. (2003). Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.
- Helman, C.G. (2003). Aspectos culturais do estresse. In: Helman CG. Cultura, saúde & doença (pp. 262-281). Porto Alegre: Artmed.
- Howard, D. E., & Wang, M. Q. (2003). Risk profiles of adolescents girls who were victims of dating violence. *Adolescence*, 38(149), 1-14.
- Howard, D., Qiu, Y., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of Adolescent Health*, 33, 9-17.

- Hydén, M. (1995). Verbal aggression as a prehistory of woman battering. *Journal of Family Violence, 10*, 233–242.
- Jackson, S.M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior, 4*, 233–247.
- Koss, M. P. (1993). Detecting the scope of rape: A review of prevalence research methods. *Journal of Interpersonal Violence, 8*, 198–222.
- Kreiter, S. R., Krowchuk, D. P., Woods, C. R., Sinal, S. H., Lawless, M. R., & DuRant, R. H. (1999). Gender differences in risk behaviors among adolescents who experience date fighting. *Pediatrics, 104*, 1286–1292.
- Lane, K. D., & Gwartney-Gibbs, P.A. (1985). Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues, 6*, 45–59.
- Laufer, M. E. (2000). Depressão e ódio a si mesmo. In Laufer, M. (Ed.) *O adolescente suicida* (pp. 35–39). Lisboa: Climepsi Editores.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships aggression. An exploratory study. *Violence Against Women, 6*, 6–36.
- Lehrer, J. A., Lehrer, E. L., & Zhao, Z. (2010). Physical dating violence victimization in college women in Chile. *Journal of Women's Health, 19*(5), 893–902.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21*, 105–127.
- Lucas, S. C. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação do II curso de mestrado na especialidade de sexologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43–52.

- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69–83.
- Mahlstedt, D. & Welsh, L. A. (2005). Perceived Causes of Physical Assault in Heterosexual Dating Relationships. *Violence Against Women*, 11, 447–472.
- Makepeace, J. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30, 97–102.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). Violência doméstica: compreender para intervir – guia de boas práticas para profissionais das forças de segurança. Lisboa, CIG.
- Marcus, R. F., & Swett, B. (2002). Violence and intimacy in close relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 570–586.
- Matos, M. (2006). Violência nas relações de intimidade. Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Dissertação de candidatura ao grau de doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Meneghel, S., Victora, C., Faria, N., Carvalho, L. & Falk, J. (2004). Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul. *Revista de Saúde Pública*, 38(6):804–810.
- Muñoz-Rivas, M. J., Gómez, J. L. G., O'Leary, K. D., & Lozano, P. G. (2007). Physical and psychological aggression in dating relationships in Spanish university students. *Psicothema*, 19(1), 102–107.
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating Violence Among College Students: Key Issues for College Counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79–89.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coulter, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? *American Journal Health Behavior*, 28, 13–23.
- O'Keefe, M. & Treister, L. (1998). Victims of dating violence among high school students: are the predictors different for males and females? *Violence Against Women*, 4, 195–223.
- O'Keefe, M. (1997). Predictors of dating violence among high school students. *Journal of Interpersonal Violence*, 12, 546–568.
- O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39–57.
- O'Keefe, M. (2005). Teen Dating Violence: a review of risk factors and prevention efforts. Applied Research Forum. National Electronic Network on *Violence Against Women*, 1–13.
- O'Keefe, N., Brockopp, K., & Chew, E. (1986). Teen dating violence. *Social Work*, 31, 456–468.
- Oliveira, M. (2014). *Transmissão intergeracional da violência: o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças dos jovens*. Dissertação de Doutoramento em Ciências Sociais – Psicologia. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. (pp.1061–1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd).
- Organização Mundial de Saúde – OMS. (2002). World report on violence and health. Genebra: WHO.

- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243–272.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão Portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14–39.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165–184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75–107.
- Price, E.L., Byers, S. E., and the Dating Violence Research (1999). The attitudes towards dating violence scales: development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14, 351–375.
- Ramirez, I.L. (2002). Prevalence and chronicity of dating partner violence among a sample of Mexican male and female university students. Paper presented at the Victimization of Children and Youth: An International Conference, Portsmouth, New Hampshire.
- Redondo, J., Pimentel, I. & Correia, A. (2012). Manual SARAR – sinalizar, apoiar, registar, avaliar, referenciar: Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar / entre parceiros íntimos. Coimbra: Tipografia Damasceno.
- Riggs, D. S., & O’Leary, K. D: (1996). Aggression between heterosexual dating partners. An examination of a causal model of courtship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 11, 519–540.
- Rivera–Rivera, L., Allen–Leigh, B., Rodríguez–Ortega, G., Chávez–Ayala, R. & Lazcano–Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescents

- dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Preventive Medicine*, 44, 477–484.
- Roberts, T. A. & Klein, J. (2003). Intimate Partner Abuse and High-Risk Behavior in Adolescents. *Archives of Pediatric Adolescent Medicine*, 157, 375–380.
- Roberts, T.A., Klein, J.D. & Fisher, S. (2003). Longitudinal effect of intimate partner abuse and high-risk behavior among adolescents. *Archives of Pediatric Adolescent Medicine*, 157, 875–881.
- Rodrigues, A. R., & Machado, M. (2002). Questões urgentes na educação. *Adolescência: Interfaces com a escola e com a família* (229–256). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Rosen, K. H., Bartle-Haring, S., & Stith, S. M. (2001). Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *Journal of Family Issues*, 22, 124–142.
- Rush, M. E. (2000). Young woman's experiences of dating violence: A phenomenological study. *Dissertation Abstracts International, section B: The Sciences and Engineering*, 60, 4524.
- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Dissertação de Doutorado em Psicologia da Justiça. Universidade do Minho, Braga.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.
- Santos, N. & Sampaio, D. (2013). Adolescentes em Risco de Suicídio: A experiência do NES, *Psiquiatria Clínica*, 18 (3): 187–194.
- Sears, H. A., & Byers, E. S. (2010). Adolescent girls' and boys' experiences of psychologically, physically, and sexually aggressive behaviors in their dating relationships: co-occurrence and emotional reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(5), 517–539.

- Sharpe, D., & Taylor, J. K. (1999). An examination of variables from a social-developmental model to explain physical and psychological dating violence. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31, 165–175.
- Sharps, P. W., & Campbell, J. (1999). Health consequences for victims of violence in intimate relationships. In X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships*, 163–176. Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.
- Silva, I. (2001). *Acção Social na área da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silva, V. F., Oliveira, H. B., Botega, N. J., Marin-León, L., Barros, M. B. A. & Dalgalarrodo, P. (2006). Fatores associados à ideação suicida na comunidade: um estudo de caso–controle. *Caderno de Saúde Pública*, 22(9), 1835–1843.
- Simas, T. (2011). *Violência nas relações de intimidade: o impacto na saúde mental da vítima*. Dissertação de Mestrado Psicologia – Área de Especialização em Psicologia da Justiça. Universidade do Minho, Braga.
- Smith, P., H., White, J., W., & Holland, L. (2003). A longitudinal perspective on Dating Violence Among Adolescent and College–Age Women. *American Journal of Public Health*, 93, 1104–1109.
- Straus, M. A. (1992). Children as witnesses to marital violence: A risk factor for lifelong problems among a nationally representative sample of American men and women. Report of the Twenty–Third Ross Roundtable. Columbus, OH: Ross Laboratories.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790–811.
- Straus, M. A., & Ramirez, I.L. (2007). Gender symmetric in prevalence, severity, and chronicity oh physical aggression against dating partners by

- university students in México and USA. *Aggressive Behavior*, 33, 281–290.
- Straus, M. A., & Yodanis, C. L. (1996). Corporal punishment in adolescence and physical assaults on spouses in later life: what accounts for the link? *Journal of Marriage and the family*, 58, 825–841.
- Straus, M., Hamby, S., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues* May, 17, 283–316.
- Testa, M., Livingston J.A., & Leonard, K.E. (2003). Women’s substance use and experiences of intimate partner violence: a longitudinal investigation among a community sample. *Addictive Behaviors*, 28, 1649–1664.
- Teten, A.L., Ball, B., Valle, L.A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women’s Health*, 18(7), 923–927.
- Ullman, S. E. (2004). Sexual assault victimization and suicidal behavior in women: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 331–351.
- UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta (2010). Projecto mudanças com arte. [Em linha] < <http://mudancascomarte.umarfeminismos.org/>>.
- Vézina, J., & Hébert, M. (2007). Risk factors for victimization in romantic relationships of young women. A review of empirical studies and implications for prevention. *Trauma, Violence & Abuse*, 8, 33–66.
- Vieira, L., Freitas, M., Pordeus, A., Lira, S. & Silva, J. (2008). “Amor não correspondido”: discursos de adolescentes que tentaram suicídio. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5), 1825–1834.



- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review, 19*, 435–456.
- Werlang, B., Borges, V. & Fensterseifer, L.(2005). Fatores de Risco ou Proteção para a Presença de Ideação Suicida na Adolescência. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* Vol. 39(2), 259–266.
- White, J. W., & Koss, M. P. (1991). Courtship violence: incidence in a national sample of higher education samples. *Violence and Victims, 6*, 247–256.
- White, J.W. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: Conceptual and methodological issues. *Psychology of Women Quarterly, 33*, 1–15.
- Windle, M., & Mrug, S. (2009). Cross-gender violence perpetration and victimization among early adolescents and associations with attitudes toward dating conflicts. *Youth Adolescence, 18*, 429–349.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., & Scott, K. (1997). *Alternatives to violence. Empowering youth to develop healthy relationships*. London: Sage Publications.

**ANEXOS**

---

## Anexo 1

### Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2)

Versão Portuguesa da autoria de Carla Paiva & Bárbara Figueiredo (2002)

Independentemente de duas pessoas se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão.

As pessoas têm também formas diversas de tentarem resolver as suas diferenças. A seguir, encontrará uma lista de coisas que podem acontecer quando duas pessoas têm diferenças. Por favor, assinale quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, você tenha feito cada uma dessas coisas e, também, quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, o seu companheiro o fizesse. Se não aconteceu que você, ou o seu companheiro/a, tenha feito qualquer uma dessas coisas no último ano, mas isso já aconteceu antes, marque um “7” na folha de resposta para a questão correspondente. Se isso nunca aconteceu, marque um “8” na folha de resposta.

Quantas vezes isto aconteceu?

- 1 = Uma vez, de há um ano para cá
- 2 = 2 vezes, de há um ano para cá
- 3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá
- 4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá
- 5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá
- 6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá
- 7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes
- 8 = Isso nunca aconteceu

1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos

2. O meu companheiro/a mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos

3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista
4. O meu companheiro/a explicou-me o seu ponto de vista numa discussão
5. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a
6. O meu companheiro/a fez isso comigo
7. Atirei ao meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar
8. O meu companheiro/a fez isso comigo
9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro/a
10. O meu companheiro/a fez isso comigo
11. Tive um entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro/a
12. O meu companheiro/a teve um entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo
13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto
14. O meu companheiro/a mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto
15. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo
16. O meu companheiro/a fez isso comigo
17. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a
18. O meu companheiro/a fez isso comigo
19. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo
20. O meu companheiro/a fez isso comigo
21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a
22. O meu companheiro/a fez isso comigo

23.Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta

24.O meu companheiro/a desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta

25.Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a

26.O meu companheiro/a chamou-me de gorda/o ou feia/o

27.Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar

28.O meu companheiro/a fez isso comigo

29.Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a

30.O meu companheiro/a fez isso comigo

31.Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a

32.O meu companheiro/a foi ao médico por causa de uma luta comigo

33.Tentei estrangular o meu companheiro/a

34.O meu companheiro/a fez isso comigo

35.Gritei ou berrei ao meu companheiro/a

36.O meu companheiro/a fez isso comigo

37.Atirei o meu companheiro/a contra a parede

38.O meu companheiro/a fez isso comigo

39.Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

40.O meu companheiro/a disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

41.Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz

42.O meu companheiro/a precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez

43. Dei uma tarefa no meu companheiro/a
44. O meu companheiro/a fez isso comigo
45. Agarrrei à força o meu companheiro/a
46. O meu companheiro/a fez isso comigo
47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo
48. O meu companheiro/a fez isso comigo
49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento
50. O meu companheiro/a fez isso comigo
51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)
52. O meu companheiro/a fez isso comigo
53. Dei uma bofetada ao meu companheiro/a
54. O meu companheiro/a fez isso comigo
55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro/a
56. O meu companheiro/a teve uma fractura devido a uma luta comigo
57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo
58. O meu companheiro/a fez isso comigo
59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento
60. O meu companheiro/a sugeriu um acordo
61. Queimei ou escaldei o meu companheiro/a de propósito
62. O meu companheiro/a fez isso comigo
63. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)

64.O meu companheiro/a fez isso comigo

65.Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante

66.O meu companheiro/a acusou-me disso

67.Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a

68.O meu companheiro/a fez isso comigo

69.Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro/a

70.O meu companheiro/a fez isso comigo

71.Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a

72.O meu companheiro/a sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos

73.Dei pontapés no meu companheiro/a

74.O meu companheiro/a deu-me pontapés

75.Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo

76.O meu companheiro/a fez isso comigo

77.Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento

78.O meu companheiro/a concordou em tentar uma solução que eu sugeri

79.Se bateu no seu companheiro/a, ou se o seu companheiro/a lhe bateu, pense na última vez em que isso aconteceu. Quem foi o primeiro a bater?

1 = eu bati primeiro

2 = o meu companheiro/a bateu primeiro

3 = isso nunca aconteceu

## Anexo 2

### Escala de Ideação e Comportamentos Suicidas

Caridade, S. & Barros, S. (2014)

**Instruções:** De seguidas encontrará um conjunto de 15 afirmações, às quais dever responder, assinalando a opção que melhor se adequa à sua forma de se sentir nos últimos 12 meses.

1. NUNCA
2. RARAMENTE
3. ALGUMAS VEZES
4. MUITAS VEZES
5. SEMPRE

	Indique em que medida, nos últimos 12 meses, apresentou algum dos seguintes pensamentos e/ou comportamentos:	1. NUNCA	2. RARAMENTE	3. ALGUMAS VEZES	4. MUITAS VEZES	5. SEMPRE
1	Ter pensamentos de acabar com a vida.					
2	Ter pensamentos de que a morte seria a solução para os seus problemas					
3	Ter pensamentos de como a vida é injusta					
4	Pensar num plano para pôr fim à vida					
5	Atentar contra a sua vida					
6	Tomar medicamentos para pôr fim à vida					
7	Cortar os pulsos					
8	Arranhar-se com as unhas					
9	Puxar ou arrancar o cabelo					
10	Deixar de comer					
11	Bater a si próprio					
12	Colocar-se em situações de perigo/risco, por achar que não vale a pena viver					
13	Consumir bebidas alcoólicas para aliviar o sofrimento e/ou esquecer os problemas					
14	Consumir drogas para aliviar o sofrimento e/ou esquecer os problemas					
15	Ter pensamentos de que as outras pessoas seriam mais felizes se eu não existisse					
16.	Outros: _____					

Obrigado pela sua colaboração!